

DELENDIA NEW YORK, A NOVA CARTAGO!!!

Armindo Augusto de Abreu
Economista

“Digamos que tudo aquilo que sabes não seja apenas errado, mas uma mentira cuidadosamente engendrada. Digamos que tua mente esteja entupida de falsidades: sobre ti mesmo, sobre a história, sobre o mundo à tua volta, plantadas nela por forças poderosas visando a conquistar, pacificamente, tua complacência. A tua liberdade, nessas circunstâncias, não passa de uma ilusão, pois és, na verdade, apenas um peão num grande enredo e o teu papel o de um crédulo indiferente. Isso se tiveres sorte. Se, em qualquer tempo, convier aos interesses de terceiros, o teu papel vai mudar: tua vida será destruída, serás levado à fome e à miséria. Pode ser, até, que tenhas de morrer. Quanto a isso, não há nada que possa ser feito.

Ah! Se acontecer de conseguires descobrir um fiapo da verdade até podes tentar alertar as pessoas, demolir, pela exposição, as bases dos que tramam nos bastidores. Mas, mesmo nesse caso, não terás muito mais a fazer. Eles são poderosos demais, invulneráveis demais, invisíveis demais, espertos demais. Da mesma forma que aconteceu com outros, antes de ti, também vais perder”.

Charles P. Freund, editorialista do “The Washington Post”.

O TERROR APUNHALA PELAS COSTAS, SEM DÓ NEM PIEDADE!!!

“O pior cego é o que não quer ver”

Brocardo português

Está, finalmente, assentada a mistura amorfa de escombros, detritos letais e corpos pulverizados, em decomposição, no que se transformaram, de forma tão trágica, as outrora orgulhosas torres simétricas do Centro de Comércio Internacional (WTC), modificando, para sempre, a inconfundível paisagem e tornando o ar ao sul da outrora aprazível Manhattan, carregado de germes nocivos e odores insuportáveis, no mais insalubre e irrespirável do planeta...! Quase secos os vales de lágrimas de revolta, indignação e vingança, torna-se o terreno fértil e convidativo para que, serenamente, possamos perscrutar fatos, sob a fria e serena ótica da isenção, ao abrigo da avalanche de emoções, desatinos e interesses que incendiaram o terrível e monumental episódio. Perplexidades à parte, é chegada a hora de penetrar no espesso lamaçal de verdades e mentiras, entender e explicar o aparentemente inexplicável. Por que foi escolhida a cidade de Nova York para monumental cenário da tragédia, a mais cosmopolita dos tempos modernos, centro mundial do *business* contemporâneo, assim como o foram, no passado, Cartago, Alexandria, Constantinopla, Veneza, Amsterdam, Recife ou Londres? Que desejos secretos, motivações obsessivas ou arrebatamentos insanos poderiam estar dissimulados por trás de surpresa tão pavorosa? Qual foi o verdadeiro objetivo alcançado pelo atentado devastador? Seriam as versões correntes confiáveis, isentas, ou esconderiam interesses restritos, inconfessáveis? Devemos simplesmente nos acomodar e aceitar, sem questionamentos, tais versões e conclusões apresentadas pela mídia, pelos “scholars”, cientistas políticos, professores, pelos governos das maiores potências ou devemos nos colocar atentos, coniventes com as dúvidas, prontos para reagir a um possível embuste? O que teria acontecido na verdade? Qual o porquê de tudo isso?... Antes de procurar responder a essas e a outras instigantes perguntas, devemos, como em qualquer eletrizante folhetim de mistério, paixões e morte, selecionar, ordenar fatos que, realmente, possam pesar e influir na solução do fantástico enigma proposto pelo tão festejado terceiro milênio, logo em seu alvorecer. Vejamos, então, que estórias úteis à solução do mistério nos conta a própria história... A trajetória terrena dos seres humanos tem evoluído a partir de estímulos excitados por distintas motivações: inicialmente, ante o medo do desconhecido, no ambiente cruel e hostil que cercava os primeiros homens e nos períodos subseqüentes, quando prevalecia a imposição de sua vontade pelo vigor físico ou o uso das armas, tão somente pela *violência*, domínio predominante de uma surgente *casta militar*. Durante o estabelecimento da vida de relação com seus semelhantes, da dominação do meio-ambiente e organização das formas de sobrevivência, embriões da política, da economia, da cultura e da ciência, houve uma intensa valorização de suas *relações com o plano espiritual* e a adoção de *crenças e valores religiosos*, os quais já lhe vinham influenciando ou sugerindo passos desde a mais remota antiguidade. Esses princípios fizeram surgir uma nova classe de pessoas, os sacerdotes das várias crenças, capazes, ao induzir a introjeção desses valores e dogmas de fé no espírito humano, de amenizar-lhe a força bruta, conter-lhe a agressividade, dar-lhe à vida um certo sentido finalístico, com maior temperança aos impulsos carnis e ambições materiais. Eles não só conseguiram esse objetivo, durante séculos, como também lograram, habilmente, interpor-se entre o poder militar, já então institucionalizado pela obediência e pela disciplina, o que possibilitava manter a violência sob controle social e político, e a emergente e poderosa influência econômica dos mercadores de bens, serviços e dinheiro, responsáveis pela excitação a uma vida mundana. Tornaram-se os sacerdotes, então, durante longos períodos, numa espécie de *poder moderador* entre essas forças. Exercida com

extrema proficiência, tamanha habilidade gerou, mais adiante, com a aquiescência e a cooperação militares, a fusão dos poderes espiritual e temporal, inaugurando a fase das teocracias¹. Finalmente, através de competentes e eficazes ofensivas de cunho puramente *racional e materialista*, começaram a prevalecer e a se impor as organizações (ostensivas ou secretas) políticas, econômicas e culturais fomentadas por mercadores e banqueiros, interessados na constituição de uma sociedade humana infensa às voluntariosas influências militares e religiosas, calcada apenas no respeito ao direito positivo². O sucesso alcançado por essas confederações de negócios ficou mais visível a partir do século XVIII, quando passaram a estimular e promover um corpo social ainda difuso ao qual, significativamente, denominaram *sociedade civil*, valorizando o que hoje conceituamos, também de forma ainda pouco nítida, como *cidadania*. Esta suposta *ascensão proletária* foi particularmente útil à consagração do princípio de separação entre estado e igreja, da implantação do *governo laico*, em que o poder, coisa meramente terrena como defendia John Locke e sustentaram, sob sua inspiração, os revolucionários americanos na “Guerra da Independência” contra o Reino Unido, seria exercido, republicanamente, apenas pela *vontade popular* e não mais *a de Deus*. Esta revolução no plano das idéias foi sancionada ante o tácito respaldo dos militares, sensíveis a elas e acostumados à obediência à lei por sua formação, calcada na disciplina e na hierarquia e, portanto, desde então, tradicionalmente racionalistas, democráticos, republicanos. Dessa forma, passo a passo, a partir de alianças históricas entre essas três forças básicas, feitas ou desfeitas ao longo do tempo, o homem contemporâneo vê-se guindado a uma existência fortemente suportada no *discurso da razão*, na liberdade irrestrita, na plena satisfação dos prazeres carnis e materiais, hedonistas, na febril perseguição ao dinheiro e a tudo que ele pode comprar. Políticos governam o planeta muitas vezes sustentados pelo poder econômico de organizações criadas pelos antigos mercadores, apoiados por maciça cobertura da *mídia* e dos *centros de pesquisa de opinião*. A divulgação constante dessas pesquisas e de notícias em tempo real criam no público ilusões da verdade, o hábito e a obrigação de se manterem sempre conectados aos veículos de informação, jornais, revistas, rádios, televisores, computadores *on line*. Segundo essa perspectiva de *conexão permanente* acreditam estar *inseridos no contexto*, atualizados com os acontecimentos *da hora*, modismos e tendências que lhes subtraem imaginação, o hábito de pensar, analisar e transformam-nos em homens e mulheres *do seu tempo*, meros cabides de pensamentos únicos, convergentes... Liberdade, democracia, ciência e tecnologia foram as palavras-chaves empregadas pela propaganda dos *homens de negócios* em tamanho processo de convencimento e migração da sociedade ocidental, com seus antigos, tradicionais valores religiosos judaico-cristãos, para o *modus vivendi* preconizado pelo consumismo da modernidade. Mas, apesar da predominância dessa ideologia, aparentemente consagrada e definitiva do *materialismo capitalista liberal*, em que até o fim da história foi prematuramente anunciado, percebe-se que o conflito persiste e está longe de ser inteiramente resolvido, como nunca o foi no passado. De tempos em tempos, em diferentes locais do planeta, os esquemas de poder se alternam e se reagrupam, deixando no seu rastro uma legião de insatisfeitos ou revoltados. Tamanha e tão acirrada disputa na definição da etiologia do poder, centrada em choques permanentes e alianças entre adeptos da

¹ Forma de governo em que a autoridade, emanada dos deuses ou de Deus, é exercida por seus representantes na Terra. O Estado com essa forma de governo. Apud BUARQUE de HOLLANDA, Aurélio in “Dicionário Aurélio Séc. XXI”. N.A.

² Diz-se do direito estabelecido pela lei comum, votada por maiorias simples estabelecidas nos parlamentos e, portanto, influenciáveis por interesses ou fatores outros que não espelhem, necessariamente, os valores morais, éticos ou religiosos prevalentes na sociedade. N.A.

*violência, da espiritualidade ou da pura ambição materialista, fica nitidamente configurada em pelo menos três momentos distintos e marcantes na trajetória da humanidade, verdadeiros referenciais históricos plenamente representativos das motivações em conflito. Eles definem a verdadeira raiz das encarniçadas disputas pelo poder terreno, hoje simplificadas, na síntese de Bush, filho, a uma prosaica luta entre o *bem* e o *mal*.*

“NOVA YORK OU NOVA CARTAGO ???”

*Às pessoas de todo o país que quiserem nos ajudar eu dou uma ótima sugestão:
venham aqui e gastem dinheiro. Frequentem restaurantes, assistam aos shows.
A vida na cidade continua.*

“Outdoor” plantado em plena Broadway, N. York, firmado pelo seu prefeito Rudolph Giuliani.

Hei, você aí! Me dá um dinheiro aí!

Moacyr Franco, em bordão criado para a TV e marchinha camavalesca.

Registra a história antiga que nas ilhas do Mar Egeu, principalmente em Creta, desenvolveu-se uma civilização bastante adiantada, cuja influência muito contribuiu para os progressos da navegação e para a afamada cultura grega. Sua principal fonte de renda residia no comércio e no transporte marítimo. Foram eles, cretenses ou egeus, indubitavelmente, os pioneiros da navegação no Mediterrâneo, pois sulcaram os mares, em bem construídos navios, séculos antes de que os fenícios o fizessem. Ao desaparecerem, provavelmente trucidados pelos povos da Grécia e da Ásia Menor, deram azo a que os fenícios, de origem semita ³, livres da concorrência, não tardassem a tornar-se o mais afamado povo da antiguidade nessas atividades econômicas. Apertados numa estreita faixa de terra entre o mar Mediterrâneo e os Montes Líbanos, eles nunca chegaram a constituir um estado único, pois suas cidades se conservaram autônomas, formando uma espécie de *confederação*. As principais delas eram ativos e populosos portos como Tiro, Biblos, Berit (hoje Beirute) e Sidon. Como estenderam suas atividades por todo o Mediterrâneo e, fora dele, chegaram ao Mar do Norte e à Arábia, fundaram, nessa peregrinação, centenas de feitorias e algumas colônias, muitas das quais são ainda hoje cidades importantes, como Chipre, Coreira (Corfu), Melita (Malta), Trípoli, Tunis, Tanger e Cartago. Os membros dessas famílias moravam em palácios imensos, cercados de um luxo fabuloso, e cada uma delas formava uma empresa comercial distinta, esforçando-se por ser economicamente independente das demais, tendo a sua própria esquadra, suas próprias fábricas. O trabalho manual era quase todo feito por escravos e os grandiosos tesouros, que refletiam a intensa acumulação capitalista da época, ganhos no comércio, eram defendidos por exércitos particulares de mercenários. O primeiro grande centro desse imenso poder foi a cidade de Cartago, antiga colônia fenícia. Situada na Tunísia atual, essa cidade havia enriquecido extraordinariamente com o comércio marítimo. Suas esquadras dominavam o Mediterrâneo e outras rotas fora dele, em direção ao norte da Europa. Mantinha os mais dispendiosos e eficientes exércitos de mercenários da época e, com eles, empreendia conquistas destinadas a lhe trazer fartos proveitos econômicos. Após as vitórias romanas,

³ SEMITAS: povos de origem asiática e seus descendentes, dotados de certas características comuns, como os hebreus, os árabes e outros grupos que habitavam ou habitam o Oriente Próximo, tais como os assírios, fenícios e aramaicos. Sua denominação vem do fato de que, segundo o Velho Testamento, descendem de Sem, um dos filhos de Noé. N.A.

submetendo todas as populações da península itálica, a Sicília, então uma província cartaginesa rival, perigosamente próxima ao território continental romano, passou a ser o alvo preferencial do surgente império. Outro motivo de grande contrariedade era o baixíssimo preço fixado pelos cartagineses para o trigo siciliano, fazendo danosa concorrência às lavouras do continente. Foi o mais antigo caso de “dumping” comercial já registrado na história e os romanos, certamente, não gostaram dele... Havia, pois, um grande interesse em tomá-la aos mercadores que, em face dessa disposição, também não tinham grandes razões de apreço pelo exército adversário. Após encarniçadas batalhas, entre legiões romanas e os exércitos cartagineses de Amílcar e Aníbal, Cartago foi tomada por Cipião Emiliano. Havia, entretanto, entre próceres romanos, o temor de que a cidade de Aníbal ainda se recuperasse dos revezes, graças à tremenda capacidade comercial e financeira de seus habitantes, voltando a ameaçar a estabilidade romana. Um famoso político romano, Catão, o Censor, terminava invariavelmente seus discursos no Senado com as palavras *Delenda Cartago!* (*Cartago deve ser destruída!*). As suas exortações foram ouvidas e Cartago tomada, para sempre, aos comerciantes e totalmente destruída. A luta foi encarniçada, “rua por rua e casa a casa”. Cessada a resistência, os vencedores arrasaram-na e semearam sal sobre o entulho, a fim de que no local não crescesse, durante muito tempo, nenhuma vegetação. Os mercadores não estimaram essa fragorosa perda que lhes custara tanto o predomínio do Mediterrâneo quanto a rota de infiltração terrestre para o norte da Europa, com a tomada de Espanha, então província cartaginesa. “Delenda Cartago” foi a frase latina que, amaldiçoada e repetidamente, sempre os acompanhou nos sofridos revezes subseqüentes no Mediterrâneo ou no norte da Europa, para onde migraram sucessivamente, vendo sempre desmoronar planos e bases do seu sonho milenar planetário: o de *formar uma “confederação internacional de mercadores”*... Durante séculos essa sentença não lhes abandonaria o espírito e a memória, por todo o longo processo de sucessivas e fracassadas reconstruções de interesses que se viram forçados a empreender. A supressão do estudo do latim, antigo idioma do mundo global cristão, nas escolas ocidentais, feita a pretexto de *enterrar uma língua morta*, deu aos mercadores a alegria e a falsa certeza de que, com a vitória alcançada no apagar das luzes do século XX, o do *fim da história*, esse idioma estaria afastado, em definitivo, de suas vidas. Mal sabiam eles que, na mais completa surdina, em lúgubres conspirações que lhes voltariam a arrepiar a alma e, outras vezes, afastar-lhes o sono, a frase maldita ainda seria pronunciada e repetida, muitas e muitas vezes, com uma sutil e tenebrosa diferença: “Delenda Nova York!, Delenda Nova York!, Delenda Nova York!...”

A GLOBALIZAÇÃO MILITAR: O PODER DA FORÇA, DA VIOLÊNCIA E DA ESPADA.

Manda quem pode e obedece quem tem juízo.

Da sabedoria popular.

A simbólica unificação política, econômica e militar entre ocidente e oriente, isto é, de todo o mundo conhecido à época, foi verificada sob a égide do Império Romano no século I a.C., com a conquista do Egito, transformando o mar Mediterrâneo num autêntico “lago romano”. Essa enorme façanha representou o apogeu de um longo ciclo da trajetória humana, que tivera seu início no homem das cavernas. Vivendo, inicialmente, como animal acuado, soube sobrepor-se, paulatinamente, aos desafios e dificuldades que lhe foram impostos pela natureza, vendo despertar, além do instinto da violência que lhe adestrou

músculos, reflexos e a capacidade de se organizar e combater, os lampejos da genialidade que o consagrariam como ser superior, verdadeiro rei da criação, legítimo herdeiro espiritual da centelha divina... As principais nações da antiguidade, situadas no oriente, eram dotadas de poderosas organizações beligerantes cujo desenvolvimento muito contribuiu para as primeiras noções de organização da sociedade. Para enfrentar, com sucesso, suas empreitadas violentas, foi preciso que os homens aprendessem a coordenar seus movimentos e ações, a agir e a lutar em conjunto e a desenvolver noções de logística e mobilização, utilíssimas à própria organização civil. À bravura necessária aos primitivos, veio ser acrescida uma nova virtude militar: a disciplina, que não pode nem deve ser confundida com a mera noção de obediência. A disciplina, sendo a consciência do indivíduo de que deve dirigir suas ações de acordo com um plano geral, define a importância da atividade militar para a própria evolução do ser humano. Monumentos antiqüíssimos dos egípcios e dos hititas já mostram soldados em “linhas de combate”. As batalhas se produziam entre exércitos propriamente ditos e não mais apenas entre bandos de inimigos. O surgimento de armas mais leves e cortantes, feitas de ferro em substituição ao primitivo bronze, veio demandar treinamento especializado na arte da esgrima e os exercícios em conjunto. Já não bastavam a um militar apenas a força bruta e a coragem física, o que explica o surgimento da casta guerreira, intelectualizada além de forte, e sua preponderância sobre as demais. Uma das grandes inovações bélicas da antiguidade oriental foi o surgimento da cavalaria, atribuída aos cassitas, um povo que vivia nas imediações da Mesopotâmia. A princípio, os cavalos seriam utilizados somente para tração de carros de combate, cujas figuras se vêem em inúmeros desenhos egípcios. Em épocas posteriores surge a cavalaria, como consagrada, o que certamente conferiu grande vantagem às primeiras nações que a empregaram. Essas inovações, seguidas de outras como os carros de guerra com foices rotativas, usados na Assíria e no Império Persa, de construções fortificadas com muralhas, torres, parapeitos, o uso de flechas incendiárias e catapultas, geraram necessidades de novas táticas de enfrentamento entre exércitos e cavalaria. O gênio e a inteligência militares começaram a brotar ante a premente necessidade de sobreviver e de progredir. A partir daí começaram a ser estudados meios táticos e estratégicos, isto é, a própria *arte da guerra* que os gregos, romanos e chineses muito iriam aperfeiçoar. Essas importantes noções consolidam a idéia de que as forças armadas, mesmo que disso não tenham, às vezes, exata percepção, vêm corresponder à *expressão física do instinto de preservação e sobrevivência de uma nação*.⁴ São elas, portanto, não só o primeiro sinal de formação espontânea da nacionalidade como o último baluarte da sua soberania, independência e altanaria. Muito embora, em determinados momentos históricos, os militares não tenham hesitado em assumir as rédeas do *poder moderador*, antes privilégio dos sacerdotes, acumularam-no, ousadamente, com o papel de *fiéis da balança* na emergência de graves impasses gerados por conflitos de poder, que nunca temeram exercer *sempre que o seu grupo nacional esteve em perigo*. Afinal, os militares são, *na sua forma, o povo fardado e armado*. Por isso são tão temidos e seu sistemático desmerecimento, as tentativas de deslustro constante aos olhos dos civis, *apenas refletem esse temor*. Afinal, constituem-se, *em sua essência*, no único segmento popular, organizado e aprestado, apto a reagir às *ameaças de perda da identidade nacional*. Vontade popular e apoio militar são uma combinação irresistível, explosiva, imbatível. Por essa razão tão óbvia, os mecanismos de predomínio não descuidam em manter um estado de tensão permanente entre ambos, uma incompatibilidade artificial que lhes permita a prevalência de outras associações de poder, mais cômodas aos seus desígnios. Embora rotulem os militares, por mera conveniência, de autoritários, ditadores, adeptos da tortura, aproveitam-se do fato de que essa corporação sempre foi, e será, fiel cumpridora da lei. É sabido que transgressões de qualquer espécie sempre foram

⁴BOAVENTURA, Jorge cf mencionado por ABREU, Armindo in “Dossiê:Conspiração”, Insight/INTELIGENCIA, número 13, ano IV, 2001.

inferiores entre militares, se comparados a quaisquer outros segmentos profissionais ou populacionais. Outra forma de penosa submissão que lhes é imposta, em função de seu exacerbado respeito à lei, é a questão do soldo. Tudo que exigem os soldados regulares é uma sobrevivência digna, que freqüentemente lhes é negada sob razões de escassez de recursos. Sabem as autoridade que, disciplinada e respeitosamente, eles serão sempre os primeiros a aceitar sacrifícios. Conscientes de seu papel de protetores, renunciarão às prioridades cedendo-as, de bom grado, ao restante da sociedade, e se curvarão a despeito de dura cerviz. Afinal, só mercenários trocam ideais ou bandeiras por generoso soldo, nunca tropas nacionais. Essa ótica míope, caolha, pretende mantê-los dóceis, submissos, despojados de poder por mal remunerados, equipados e alimentados. Grande engano. Existirá, sempre, uma única possibilidade excludente a esse princípio universal de obediência e do respeito irrestrito à autoridade constituída, a exceção que confirmaria a regra, embora raramente mencionada ou admitida. À vista de eventuais sofrimentos de seus protegidos, de intensos e justos protestos contra políticas espúrias de governantes que desviem rumos ou percam a legitimidade no poder, seria radicalmente alterada a cadeia natural de comando. Nessas circunstâncias, ensinanos a história, o “clamor público”, a chamada “voz das ruas” elevar-se ia ao patamar de autoridade, superando, transitoriamente, a força das leis impressas e proclamadas. Esses princípios básicos de legitimidade e autoridade populares, prevalentes nas revoluções americana e francesa sob princípios filosóficos racionalistas, como os defendidos por John Locke, sempre estiveram presentes à formação castrense, inclusive no Brasil. Por tais razões, *em qualquer parte do mundo*, forças armadas acatarão *sempre* as ordens superiores, especialmente se, e quando, emanadas de uma população espoliada e sofrida (mas sempre a fonte legítima e indiscutível do poder maior, no regime democrático republicano), revoltada contra dirigentes opressores ou que se coloquem, flagrantemente, acima ou além dos objetivos nacionais... À medida que se expandiam e consolidavam cidades e impérios, essas forças armadas tornavam-se indispensáveis, tanto para assegurar defesa e manutenção de seus vastos domínios quanto para conquistar novas terras, quando a expansão se tornava vital ou necessária. Elas lhes serviam, também, para impor respeito aos povos vizinhos ainda insubmissos e obter vantagens nas relações internacionais. Visando suprir carências de mão de obra guerreira ou de contornar essa característica de marcante apego à pátria, incômoda aos projetos de prevalência nos negócios e associações comerciais entre povos distintos, os mercadores começaram a contratar defensores competentes, muito bem remunerados, para proteger seus negócios e patrimônio, às vezes até mesmo escravos guerreiros que adquiriam, treinavam, armavam e alforriavam. Com isso, fez-se a primeira privatização conhecida da história, a da segurança, confiada a profissionais de valor mas sem compromissos com a nacionalidade e o patriotismo. Pela força e qualificação desses competentes exércitos mercenários, as organizações de mercadores começaram sua longa trajetória em busca de uma instituição que pairasse acima e além das nações que se consolidavam. Buscavam, sabe-se hoje, uma espécie de *estado supranacional*, construído à feição de suas conveniências e objetivos. Entretanto, a hercúlea façanha do império romano, unificando o mundo pela bravura e pela força da espada, subjugando heranças de povos e culturas milenares, todos representantes do que de mais importante houvera e havia na Antiguidade, em esferas da inteligência, da criatividade, do conhecimento humanístico, das ciências, das atividades agrícolas, pastoris, domínio e manuseio dos metais, da militar (nacional ou mercenária), do comércio e das transações financeiras, representou o primeiro movimento concreto de *globalização* da história humana, assentado nos fundamentos que o homem melhor conheceria, desenvolvera e utilizara até então, acima e além de quaisquer outros valores ou preceitos de moral, ética e religião: o monopólio da *força* e da *violência!!!*

A GLOBALIZAÇÃO ESPIRITUAL: O PODER DA RELIGIÃO E DA FÉ.

“Governar só a Deus compete. Ele estabelece o direito. É O mais excelso dos sentenciadores”.
Surata 6, versículo 57: I do Alcorão.

“Ao se instalarem na palestina, os hebreus se distinguiram dos demais povos do oriente próximo por serem monoteístas, acreditando num Deus único, eterno e imaterial, não podendo, portanto, ser reproduzido em estátuas majestosas como as divindades de outras nações. Era, sem dúvidas, uma forma superior e elevada de religião, dificilmente compreensível pelos outros povos da época, acostumados às cerimônias suntuosas ou aterrorizantes, proporcionadas por insinceras e poderosas classes sacerdotais às massas incultas e supersticiosas. Quando esses monarcas passaram a reinar sobre os hebreus, logo procuraram introduzir-lhes as práticas religiosas do tipo babilônico, que muito lhes convinham no processo pretendido de *dominação materialista*, uma vez que nelas prevaleciam características de mentalidade e da consciência moral pagãs, como o *particularismo* e o *egoísmo*. Assim, imagens de Baal surgiram na Palestina e muitos iam oferecer-lhes sacrifícios, provavelmente sob coação, em prejuízo do seu conceito de Deus único. Assinalam registros que alguns sacerdotes, talvez premidos pela opressão, chegaram a transigir com os conquistadores. “... Surgem, então, homens de coragem e energia admiráveis, profundamente convictos, que, enfrentando todos os perigos, põem-se a pregar a volta às práticas e à mentalidade da antiga religião hebraica. Os principais desses destemidos pregadores foram Elias, Jeremias, Isaías e Ezequiel. Em palavras exaltadas, eles exortam os hebreus a resistirem às imposições dos tiranos, a não aceitarem os cultos estranhos, e desmascaram os sacerdotes complacentes que, para agradar aos poderosos, não trepidam em desvirtuar a verdadeira crença. O profeta Isaías, por exemplo, mostra ao povo o quanto os sacrifícios, as oferendas, as manifestações exteriores são inúteis, aos olhos de Deus: “Levantai-vos, limpai vossas almas, deixai de proceder erroneamente; aprendei a praticar o bem; procurai a retidão, protegei os oprimidos, dai amparo aos órfãos e defendei as viúvas.” E de outro profeta são as palavras: “O que o Senhor exige de ti? Apenas que sejas justo, que ames a misericórdia e que caminhes humildemente ao lado do teu Deus”. Acredita-se que tais palavras deveriam soar estranhas aos ouvidos dos príncipes mesopotâmicos que, provavelmente, não as compreendiam e lhes emprestavam sentido subversivo. Naquela época, em que as religiões eram, geralmente, instrumentos de domínio, em que as classes sacerdotais delas tiravam o máximo de prestígio e de vantagens, surgia como algo de profundamente revolucionário a crença num Deus todo poderoso, eminentemente justo e bom, que aos holocaustos e às dádivas dispendiosas preferia o comportamento reto, a proteção aos fracos e desamparados, a capacidade de perdão e a humildade. Os profetas, assim como os seus adeptos, foram perseguidos, não raro com requintes de crueldade. Mas seus ensinamentos não se perderam e mais tarde, graças à pregação de Jesus Cristo e dos apóstolos, a mentalidade hebréia de bondade, justiça, fraternidade e amor ao próximo, iria ser aceita na maior parte do mundo civilizado, como a mais desejável e legítima. O grande mérito do povo hebreu consiste, pois, em haver mantido e legado ao mundo essa noção de religião e esse critério moral que leva os homens a considerar meritória não a grandeza de alguns, à custa do sacrifício dos outros, mas a capacidade de cada qual concorrer para a felicidade dos seus semelhantes”⁵. O fato é que esses elementos de fé, apesar de intensamente combatidos, sobreviveram aos opressores, irradiando-se a seguir por grande parte da humanidade, também

⁵ LOBO, Haddock, in “História Geral (História Antiga)”, Melhoramentos, S. Paulo, 9ª.Edição, 1956, fonte de referência da maioria dos fatos da história antiga constantes deste texto e das citações assinaladas.

servindo de inspiração ao cristianismo e ao islamismo. O cristianismo, brotado no seio do judaísmo, absorve-lhe imediatamente esses preciosos conceitos de incitação ao bem comum e, apesar de todas as perseguições que lhe movem alguns de seus contemporâneos, especialmente os próprios romanos, espalha-os pelo imenso território imperial, levando-lhe a mensagem do Deus único, dos antigos profetas judeus e do Cristo, também ele hebreu. Com a conversão do Imperador Constantino ao credo católico, no século IV da nossa era, torna-se essa religião a herdeira virtual do poderoso império. A partir do Mediterrâneo e à sombra do *mundo romano global*, o catolicismo se dissemina rapidamente pelas terras conhecidas e se torna prevalente. Paulatinamente, o exercício do poder temporal flui da *divindade terrena* dos imperadores, militares pagãos, e da imensa capacidade bélica das legiões e passa à influência e domínio de um conceito abstrato comum, sancionando a transmissão do poder pela *força da fé* e da autoridade de um Deus único, pai de todos os homens, que se torna, assim, a raiz e a fonte do poder terrenamente desfrutado por eles. A Igreja Católica Romana transforma-se em mentora da formação dos estados-nações europeus e fiadora da transmissão do poder celestial aos seus reis, garantindo-lhes a sagração pelas mãos dos bispos, que lhes ungem as cabeças com a coroa, símbolo de exercício do poder mundano concedido pela divindade. Essa poderosa conjugação de forças terrenas e espirituais se espraia e atinge seu ápice no fim da Idade Média, em pleno século XV. Simbolizando essa nova simbiose, os Reis de Portugal e Espanha dividem o planeta, entre si, em duas porções como se fora uma laranja, com a bênção e a sanção espiritual do Papa Alexandre VI, na qualidade de Vigário de Cristo na Terra, assenhoreando-se das terras e dos povos nelas contidos, vez que o documento papal tornava a ambos, *terras e povos*, legitimamente *possuíveis e escravizáveis*.⁶ Tão formidável ousadia provoca, paulatinamente, reação e aglutinação entre outras forças religiosas e mercadores emergentes, de forma dispersa ou altamente organizada, que buscaram, desde então, com os meios intelectuais e materiais desenvolvidos e reunidos ao longo do tempo, solapar, esvaziar, reduzir ou anular esse magnífico poder espiritual. O predomínio da fé, da organização humana sob fundamentos éticos, morais e culturais absorvidos das revelações teológicas judaico-cristãs, conhecida em seu conjunto como *civilização ocidental*, foi exercido durante os mil anos do medievo sob a implacável e autoritária égide do catolicismo. Essa época de fervor espiritual, de intensa movimentação cultural inspirada em temas religiosos, da consolidação dos estados-nacionais (impedindo ou retardando o estabelecimento da *confederação supranacional dos mercadores*), a construção de grandiosas igrejas e catedrais, repletas de maravilhosas obras de arte, do nascimento das mais antigas e consagradas universidades européias, de fantásticas descobertas geográficas, e, portanto, de novas esperanças e confiança no futuro, tornou-se, simultaneamente, uma realidade e um fardo. Radiosa realidade para cristãos, um pesado fardo para os de outros credos, para mercadores e banqueiros agnósticos que viveram todo um milênio socialmente marginalizados. A ostensiva incompatibilidade entre a visão terrena desses negociantes e a espiritual, prevalente, representara um duríssimo golpe nos seus interesses imediatos, comerciais e financeiros. *Apóstolos do materialismo pagão*, sobreviveram sob intensa repressão por operarem contrariando regras políticas, econômicas, sociais vigentes e, também, a cânones e princípios de inspiração religiosa como a solidariedade, a caridade, a esperança, a vida simples, despojada, profissões de fé então dogmáticas, inspiradas, como visto, pela tradição da fé hebraica. Talvez, por isso, *medieval* tenha passado a ser, para alguns, sinônimo de anacrônico, soturno, funesto, lúgubre. Diz-se, da história, que quem lhe escreve os textos são os vencedores. Nos dias de hoje, predominantemente dominados pela visão corporativa do *business*, muitos compêndios se referem a esse rico, porém violento e controvertido período da história humana, como *idade das trevas*. Como é fato conhecido, no período subsequente ao medievo não só os adeptos das

⁶ Bula Intercoetera-1453; Tratado de Tordesilhas-1454. N.A.

fogueiras mantiveram o lume aceso e operante como foram restaurados determinados valores inerentes ao paganismo grego, a exemplo do conceito de democracia, governo da maioria, e do direito positivo.⁷ A evolução desse novo quadro foi muito rápida. Há apenas pouco mais de 500 anos, tempo das grandes navegações e das descobertas do Novo Mundo sob Portugal e Espanha, reinos cristãos, com as descobertas de Colombo (1492) fica comprovada a existência de um mundo novo no Oceano Atlântico, ao invés dos monstros e abismos como se fazia crer ao povo da época, e dá-se início à epopéia das descobertas marítimas, revelando a esfericidade e a unidade do planeta. “Na Idade Média, o anseio por descobrir um lugar além dos oceanos ou montanhas, onde haveria paz e alegria e o céu na terra, fez da descoberta de um novo mundo um sonho e uma cruzada. O desejo de encontrar um paraíso terrestre era uma inspiração por trás das indagações de exploradores e das teorias de filósofos e poetas. Idéias quiméricas se amalgamaram na doutrina do monge Joaquim de Flora, em 1200, membro da Ordem de Cister⁸, versando sobre uma Era do Espírito Santo. Tal doutrina, tornada herética em 1215 pelo Concílio de Latrão, afirmava, numa espécie de sincretismo religioso “avant garde”, que a religião instituída por Moisés, segundo o Velho Testamento, deveria ser seguida conforme três fases históricas: A primeira, que cultuaria Jeová como o pai espiritual dos Judeus, encerrara-se com a chegada de Jesus Cristo, o Messias. A segunda fase, ali iniciada, deveria durar por tempo indeterminado, até o início do último desses três períodos, correspondendo a uma “Nova Era” que substituiria o Cristianismo e onde o homem teria a mais absoluta liberdade de pensamento, relacionando-se direta e exclusivamente⁹ com o Espírito Santo, que exerceria seu domínio sobre todas as coisas. A tradição espiritual judaica e o poder temporal da igreja começavam a ser atacados no seu próprio seio... Proibidas em Portugal, as idéias de Joaquim de Flora, que haviam chegado até o rei D. Diniz pelos monges de Cister instalados na Abadia de Alcobaça, viajam aos Açores pelas caravelas e daí, mais tarde, ao Brasil, onde são celebradas em alguns estados até os dias de hoje, dando origem, inclusive, ao nome do Estado do Espírito Santo. As idéias dessa “Nova Era” se expandiram, provavelmente, com a ida de D. Isabel de Aragão para Portugal, em 1282, ao se casar com D. Diniz, tornando-se conhecida como Isabel, a Rainha Santa, e por ela introduzidas no Reino de Castela. As divergências entre esses monarcas e a Igreja, intolerante quanto às práticas religiosas e espirituais menos ortodoxas ou fora do catolicismo, combatidas a ferro e fogo pelo Santo Ofício (Inquisição), deram origem à criação de uma festa popular sacrílega que passava a todos a idéia da “Terceira Era”, sob a proteção do Divino Espírito Santo. O ápice dessa “festa do Divino” era a coroação simbólica de um novo imperador, republicaneamente representado por um menino pobre do povo, quando os presos, libertados das cadeias, personificavam a *convivência pacífica e perfeita que vigeria no futuro, unindo a todos numa sociedade global, sem violência e sem armas...*¹⁰ Em tais festas, os alimentos eram distribuídos fartamente entre a população, representando a abundância que viria nessa Nova Era e sua repartição igualitária entre o povo. Há quem veja em tão curiosas idéias a primeira tentativa de se sistematizar, sob a égide de um pacifismo utópico, a fusão do igualitarismo fraternal religioso com o materialismo terreno, lançando aos ventos as primeiras sementes de um *socialismo pós-medieval planetário*, jamais concretizado... Assim, a *soi-disante* civilização ocidental, de raízes judaico-cristãs, logrou, com o auxílio do fervor espiritual e das paixões da fé, consolidar o segundo grande movimento planetário da aventura humana, aqui

⁷ DIREITO POSITIVO: Diz-se do direito estabelecido pela lei comum, votada por maiorias simples estabelecidas nos parlamentos e, portanto, influenciáveis por interesses ou fatores outros que não espelhem, necessariamente, os valores morais, éticos ou religiosos prevalentes na sociedade. N.A.

⁸ Cister: ordem religiosa fundada por Bernard de Clairvaux, mais tarde canonizado e conhecido como São Bernardo. N.A.

⁹ Isso deveria ocorrer, portanto, sem qualquer interferência clerical...N.A.

¹⁰ Seria já perceptível, aos nossos olhos, algo de familiar nessa utopia medieval ???... N. A.

apontado como a *globalização espiritual*, embora já sob o largo suporte financeiro do embrião de um poder econômico que, menos de três séculos à frente, lhe arrebataria a hegemonia e suplantaria, largamente, pelo poder da pecúnia e do mais exacerbado materialismo, a poética inspiração da fé, do sonho e da aventura. Essas idéias de um paraíso terreno, de riquezas sem fim, paz, convívio fraternal, sem perseguições, teria fascinado e seduzido a união dos mercadores, logo interessada em plantar raízes no *Novo Mundo*, onde poderia prosperar supostamente livre de preconceitos e perseguições político-religiosas ou da vontade de militares nacionalistas. Dessa forma, levando-se a cultura européia ao *Mundo Novo* e deste, rumo à Europa, o ouro e a prata que vão lastrear a expansão das moedas portuguesa e espanhola, começa a emergir o processo de globalização dos negócios, que faz fenecer a fé e transbordar as algibeiras de comerciantes, banqueiros e financistas cuja visão, desde sempre, seria tão somente o lucro, o luxo, a riqueza.

A GLOBALIZAÇÃO MATERIALISTA: A SUPREMACIA DO MERCADO, DA CIÊNCIA E DO PRAZER.

Só vale quem tem!!!
Antigo ditado brasileiro.

*“Eu vou pra Pasárgada, lá sou amigo do rei.
Lá terei a mulher que eu quero, na cama que escolherei.”*
Manuel Bandeira.

Como visto, em seu período de crescente prosperidade, os povos antigos começaram a experimentar e apreciar extraordinariamente o luxo e os prazeres materiais, especialmente na Mesopotâmia, onde assírios se beneficiavam do domínio dos metais, que lhes assegurou durante séculos a supremacia militar, e caldeus (ou babilônios) enriqueciam produzindo e exportando artes finas, tapetes, tecidos de alto valor. Progresso e degradação começaram, então a dar-se as mãos. Comerciantes, como os fenícios, corrompiam financeiramente os sacerdotes. Estes, em contrapartida, lhes apoiavam os objetivos e os negócios. Escoltados por tropas de mercenários muito bem remunerados, sem vinculações patrióticas, viam garantidas a proteção patrimonial e a cobertura às transações que rapidamente se expandiam e lhes transbordavam os imprecisos limites geográficos, internacionalizando povos, crenças, costumes, tradições. Apesar de não gozarem da consideração que hoje desfrutam os bem sucedidos *businessmen*, pois eram sempre colocados na porção inferior da escala social, muito abaixo dos nobres (militares) e dos sacerdotes, começaram a se organizar em bloco, buscando mais liberdade, ascensão, novas formas de organização que lhes assegurassem prestígio social e predomínio político. Os meios utilizados foram muitos, de grande sabedoria e competência. As associações de negociantes, operando como verdadeira *coalizão internacional*, passaram a abrigar integrantes de todas as *etnias, credos e procedências*. Nada podia separá-los, nacionalidade, raça, cor, religião ou a falta dela, em sua incrível persistência na busca febril do lucro e da riqueza. Onde quer que houvesse seres humanos com necessidades a serem satisfeitas, vitais ou de baixa extração, desejos de toda ordem a serem atendidos, vaidades a serem saciadas, as associações de mercadores os alcançariam com presteza, bastando que os clientes dispusessem de ouro, prata ou crédito bastante para adquiri-los. Com isso, teceram uma verdadeira rede de associações, ostensivas ou secretas, que lhes permitiam operar às claras ou na clandestinidade. Com as novas e severas realidades espirituais que se foram espraiando e impondo, paulatinamente,

permeadas pelas revelações do Velho e do Novo Testamentos e do Alcorão, livros sagrados das três grandes religiões monoteístas, a trajetória desses mercadores tornou-se cada vez menos tranqüila, pacífica. Os credos do Deus único vieram a se revelar ainda mais severos na apreciação e julgamento das atividades que visavam ao lucro mercantil e à cobrança de juros, exigindo-lhes criatividade cada vez maior, melhor organização, proteção física e patrimonial contra ações legais de autoridades e muitas, muitíssimas lealdades arrebanhadas a qualquer preço. As religiões, que sempre influenciaram ou guiaram passos da humanidade, cedo compreenderam a força irresistível que representaria o surgimento de uma oligarquia calcada na acumulação de riquezas, acima e além de sua influência espiritual e política. Assim, procuraram não só combatê-la como possibilidade real mas, ao percebê-la emergente, reduzir-lhe a importância, marginalizando-a socialmente quando não lhe seguisse inteiramente a orientação. Os mercadores, desde cedo, também compreenderam o peso do adversário espiritual e procuraram fugir-lhe ao alcance, muito embora nunca se negassem a abrir a bolsa para atender-lhes às comezinhas necessidades terrenas. Tudo, é claro, em busca de uma prosperidade lucrativa que levasse a humanidade ao progresso, estimulada pelo desejo incontido de possuir e, pela posse, fruir, gozar, distinguir-se, destacar-se do próximo. Com o tempo, o que se resumia a pequena contenda de influências, aqui e ali, transformou-se em renhida disputa de poder. Hoje, finalmente, o mundo percebe que o eixo das decisões migrou para o domínio de poderosas forças econômicas e políticas planetárias, anonimamente organizadas, consolidadas pelas operações, em larga escala, dos grandes grupos econômico-financeiros transnacionais, apátridas, agnósticos. Seu poderoso arsenal concentra desde o controle dos bancos e operações financeiras à porção mais substancial da mídia, dos centros de pesquisa de opinião pública, da produção científica e tecnológica, da indústria e do comércio de bens e serviços, das operações de *commodities* e derivativos, da fabricação e distribuição de fármacos, dos *serviços malditos*¹¹ e, pouco a pouco, da manipulação absoluta dos fluxos de produção, comercialização e estocagem de alimentos. Mas, como se operou tamanha transformação num mundo aparentemente tão sólido? De que forma engenhosa foi deflagrada tão tremenda inflexão nos destinos da humanidade? Como e quando, exatamente, começou a desmoronar a chamada *civilização ocidental cristã*, que por quase todo o século XX ainda mantinha, em duas sangrentas guerras mundiais e outras localizadas, as aparências de estar combatendo a revolução materialista mundial que pretendia imolar, pela via comunista, o Deus único de cristãos, muçulmanos e judeus??? Como foi possível, para o *cartel dos negócios*, solapar tamanha organização do gênio e da fé humanas, construída em 2000 anos de engenho, arte e sangue? De que forma a milenar cultura judaico-cristã teve seus alicerces corroídos, levando-a, quase na virada do novo milênio, subitamente, à rendição incondicional, pelas próprias mãos do *capitalismo liberal e democrático*, seu antigo aliado, sem o ruído de um único disparo ou o verter de uma só gota de sangue???... De competentes ações que se desenvolveram em dois campos distintos: o filosófico e o operacional. **A Ação Filosófica:** O campo filosófico foi explorado de forma extremamente adequada e eficaz. Intelectuais da mais alta extirpe foram reunidos, incentivados e apoiados para contestar, no estrito campo das idéias, as convicções até então vigentes de um referencial divino como fonte exclusiva do poder e das decisões humanas. O embate desceu do transcendental para o campo fértil do plano das idéias, da exacerbação da mente humana, da sua supremacia sobre dogmas de fé, da ampla liberdade que permitiria aos homens escaparem aos rígidos preceitos religiosos, às influências e *patrulhamentos clericais*, entregando-se, apenas, às suficiências da razão e às delícias do plano material. Fruir, gozar, possuir, viriam a ser os novos caminhos hedonistas para a libertação e a glória da espécie humana. É claro que, nesse novo contexto, um pouco de lucro seria visto com naturalidade. A quem tivesse dificuldades momentâneas

¹¹ Proxenetismo, prostituição, tráfico de drogas, crianças, mulheres, órgãos humanos, tráfico ilegal de influência, pornografia, corrupção, lavagem de dinheiro, etc. N.A.

para obter dinheiro, crédito não seria problema. Dever-se-ia sempre pagar uma modesta taxa de juros, é claro, pois, como é sabido, o dinheiro não pode, nem deve, trabalhar de graça, como faziam os escravos capturados pelas tropas de mercenários. A proposta dos mercadores e banqueiros era tentadora. Enquanto as religiões demandavam rígidos e austeros padrões de comportamento em vida, garantindo o paraíso apenas após a morte, os mercadores ofereciam quaisquer prazeres ou bens de consumo, desfrutáveis aqui e agora, sem os inconvenientes das dúvidas ou as expectativas de um futuro incerto. É claro que se a Bíblia exigia aos fiéis, em nome de Deus, os dez por cento de praxe para a pavimentação dos caminhos que levam ao paraíso, é natural que os negociantes cobrassem taxas um pouco mais salgadas, já que sua mercadoria, além de entregue no ato, seria amortizável em suaves prestações mensais. Sutilmente, os antigos fiéis foram convertidos à sedutora idéia de ter o prazer primeiro e pagar depois. Gostaram muito. Afinal, como afirmam os marqueteiros, fabricante de esperanças e da felicidade instantânea, *em janeiro o dinheiro pinta...* Os negociantes mostraram conhecer muito bem seus clientes e os negócios prosperaram. A concorrência com o criador, entretanto, ainda era intensa, desigual. De olho no dízimo que, se reorientado ao consumo, *alavancaria* ainda mais os negócios, os mercadores resolveram investir na *libertação* dos fiéis. Bem sucedidos nessa pregação, ao final do século XIX, com o precioso auxílio das penas de Marx e Engels, talentos generosamente estimulados por largos financiamentos de Wall Street, decidiram, como qualquer bando de mafiosos, que já era hora de eliminar a concorrência: Deus estava morto! A má notícia é que nem todos gostaram da novidade. Nesse meio tempo, entretanto, quebrara-se o vínculo de muitos com o respeito à divindade, campo de influência do chamado *direito natural*,¹² em quantidade bastante para que se pudessem concluir, *democraticamente*, reformas políticas que mudariam os rumos da humanidade. A opção pelo direito positivo, criando a figura do estado laico, foi determinante para o fim das monarquias e dos princípios de sucessão pelo *direito divino*, inspirando as revoluções americana, francesa e russa, sancionadoras, pela via truculenta, da máxima liberal de que, no mundo contemporâneo, o homem só será obrigado ou impedido de fazer aquilo que lhe for expressamente determinado por lei. Tornavam-se letras mortas, finalmente, os referenciais da cultura e da ética judaico-cristã. Jorge Boaventura vai à sintonia fina do conceito e apura, com absoluto rigor histórico e documental, o exato momento em que a dita civilização “é erradicada de seus alicerces culturais” e começa a ruir... ”Referimo-nos, diz ele, ao artigo sexto da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada em 1791, na França. E o que continha o referido artigo? Que a lei é a expressão da vontade geral, expressa diretamente ou por intermédio de representantes. A declaração a que nos referimos compunha-se de 17 artigos e estava repassada de aspectos humanísticos, como, entre outros, o de que todos os homens nasciam iguais em direitos e deveres e ninguém seria obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, a não ser em virtude de lei.”¹³ O princípio, de aparência irretocável, revelou entretanto, na prática, que de nada adiantaria o primado da lei positiva sem o referencial da moral e da ética judaico-cristã. Livres para fazer o que lhes aprouvesse, desde que em simples maioria, voltaram imediatamente os homens a assumir as características do egoísmo e do individualismo pagãos, exacerbados em nossos dias, em que a suposta igualdade e fraternidade dão lugar à mais odiosa das discriminações: a distinção entre os que tudo têm e os que nada valem... O verdadeiro culto reverencial, desde então, a esse “teórico direito da igualdade de berço” entre todos os homens, suscita magistral *boutade* de George Orwell, a de que, não obstante, alguns homens são “mais iguais do que os outros...”¹⁴ Aberta

¹² Diz-se do conjunto de valores morais e éticos esposados pela sociedade em função de influência do conhecimento revelado, teológico, isto é, dos princípios religiosos por ela aceitos e adotados como norma geral de conduta, mesmo que não encontrem correspondência em texto da lei comum. N.A.

¹³ Em “A dolorosa Colheita”, na “Folha de S. Paulo” de 24 de OUTUBRO DE 2001.

¹⁴ Em “A Revolução dos Bichos”.

a dissidência, o materialismo, paradoxalmente, quase se transforma num dogma de fé e numa verdade científica absoluta. A doutrina comunista emerge de forma avassaladora como proposta de *solução final* para uma nova ordem sócio-político-econômica e divide, definitivamente, o mundo entre as visões espiritual e material. Segundo a ótica marxista, a "religião é o ópio do povo". Na réplica exemplar de Roberto Pompeu de Toledo, "comprar é o ópio do mundo materialista de hoje". Não por acaso, o catolicismo se fraciona e enfraquece com a defecção do protestantismo e se estilhaça com o surgimento de novas e múltiplas denominações cristãs. O judaísmo, igualmente, começa a trazer à luz profundas mágoas entre seus adeptos leigos, liberais e o ramo religioso, ortodoxo. As antigas divisões entre sefaraditas¹⁵ e asquenazes¹⁶, entre sionistas¹⁷ e internacionalistas, se agravam e sofisticam. Os sionistas, desejosos da restauração bíblica da "Grande Jerusalém", resistem, pela força da fé, das tradições seculares e até mesmo das armas, aos interesses dos internacionalistas, pragmáticos do *business* que, assentando sólidas raízes e consolidando bons negócios por todo o planeta, parecem haver adquirido mais entusiasmo nas associações com gentios¹⁸, em prósperas *joint ventures* globalizadas, do que com um eventual regresso à Israel do sonho milenar, ou com a integral reconstituição da "Terra Prometida" e a reconstrução do terceiro Templo de Jerusalém. A falência de soluções políticas ou a oposição radicalizada a elas leva ao desespero ou ao extremismo, e à resposta óbvia dos que, não possuindo forças suficientes, não podendo usá-las para contrapor-se definitivamente aos adversários, ou, ainda, não desejando solução alguma resolvem exorbitar: o terrorismo e as chamadas "operações especiais". Dines mergulha nessas sutilezas e nos relata que "...Amanhã completam-se seis anos do assassinato do primeiro-ministro Itzhak Rabin, o homem que fez o acordo de paz com Yasser Arafat em Oslo, setembro de 1993. O assassino, Ygal Amir, judeu ultra religioso, atirou pelas costas e usou as mortíferas balas *dundum* que estraçalham os tecidos e não dão qualquer chance à vítima. Rabin saía de um gigantesco comício em Tel-Aviv organizado pelos partidos de esquerda e os militantes do movimento Paz Agora, em apoio à sua iniciativa de limitar os assentamentos israelenses em território ocupado e, assim, viabilizar o Estado Palestino. O jovem assassino vinha sendo doutrinado pela liderança dos partidos fundamentalistas judeus que, associados aos políticos de direita (inclusive o atual primeiro ministro Ariel Sharon), empenhavam-se em criar um clima de histeria para deter a dinâmica da paz. Convocadas eleições, o candidato natural para o lugar de Rabin era seu companheiro Shimon Peres, hoje chanceler... E por que acabou vencido pelo adversário Bibi Netanyahu? Uma sucessão de sangrentos atentados terroristas árabes em território de Israel reverteu completamente o quadro eleitoral. Peres perdeu uma eleição que os especialistas consideravam ganha. A aliança dos dois terrorismos e dos dois fundamentalismos enterrou os acordos de paz e anulou o prêmio Nobel concedido aos signatários. Arafat ficou sozinho... O Estado Judeu na Palestina, denominado Israel, é proclamado no mesmo dia em que os soldados ingleses deixam a Terra Santa, mesmo dia em que os exércitos regulares de cinco países árabes

¹⁵ SEFARADITA: Do hebraico tardio *sephAradhC*, natural de Sepharadh, provável região da Ásia Menor que posteriormente os emigrantes asiáticos identificaram com a Península Ibérica. Diz-se de, ou judeu descendente dos primeiros israelitas de Portugal e da Espanha, expulsos, respectivamente, em 1496 e 1492; *sefáradita*, *sefárdita*. Apud Dicionário Aurélio-Séc. XXI.

¹⁶ ASQUENAZE: Do hebraico *ashquenazi*, do toponímico bíblico *Ashkenaz*, posteriormente atribuído à Alemanha medieval. Judeu de fala iídiche, oriundo especialmente dos países da Europa central e oriental. Apud Dicionário Aurélio-Séc. XXI.

¹⁷ SIONISMO: Movimento político e religioso judaico iniciado no séc. XIX, que visava ao restabelecimento, na Palestina, de um Estado judaico, e que se tornou vitorioso em maio de 1948, quando foi proclamado o Estado de Israel. Apud Dicionário Aurélio Séc. XXI.

¹⁸ GENTIO: Para os hebreus, o estrangeiro. Para os cristãos, aquele que professava o paganismo. Apud Dicionário Aurélio-Séc. XXI.

invadem a Palestina (três monarquias-Egito, Transjordânia e Iraque-e duas repúblicas-Líbano e Síria). Querem anular a decisão da ONU. Não conseguem esmagar o recém nascido estado judeu da Palestina. Um mediador sueco, indicado pela ONU, Folke Bernadotte, é assassinado logo depois por terroristas judeus de extrema-direita. Herdeiro destes, Igal Amir, assassino de Itzhak Rabin, está preso, condenado à prisão perpétua... Há dias, na audiência onde se julgava o recurso de Amir para acabar com o regime de confinamento, no bom estilo terrorista e fundamentalista de seus inimigos islâmicos, o assassino aproveitou a ocasião para abrir uma faixa em favor da expulsão dos árabes... Os terroristas árabes que impediram a vitória de Peres não estão interessados em fortalecer Arafat. Ao terror não interessa a paz. *O terror é irrestrito, multinacional e transreligioso.*¹⁹ Estourou junto a bolha das religiões: militantes e indignadas, tolas e descartáveis, exibiram tamanha capacidade de fabricar mentiras, alienação e ódios que Deus acabou sozinho no enorme picadeiro das crenças sem dor. Na fogueira dos fanatismos queimaram-se milênios de preces sinceras e sussurradas revelações. O grande vilão desta Idade Média modernizada é o Estado Teocrático, aberrante criação de homens mesquinhos, desprovidos de espiritualidade e, no entanto, assumindo-se como parceiros de Deus. O problema do Oriente Médio só se resolverá com o fim das teocracias. Todas as teocracias. A criação de um Estado Palestino só trará paz se o novo Estado conseguir ser secular e democrático e se Israel voltar a sê-lo enterrando definitivamente a ilusão do Terceiro Templo.²⁰ Essa ótica, provavelmente agradável aos homens de negócios da *confederação materialista*, certamente deixaria inquietos alguns dos religiosos ou sionistas mais ortodoxos. Contrapondo-se a essa visão liberal, pragmática, um exemplo chocante das divergências nos é revelado, contundentemente, pelo conceituado historiador americano, judeu, Howard Sachar. Ele expõe graves contaminações e ressentimentos ao transcrever, em seu “History of the Jews in América”, o depoimento e a opinião de J.J. Gross, presidente de uma famosa agência de propaganda: “... Nós estamos vivendo num tempo em que a qualificação exclusiva para se exercer a liderança judaica é a posse da riqueza. Ninguém se transforma no “Rei dos Judeus” porque seja um rabino maravilhoso ou... (porque)... inspire seu povo a comparecer a um curso de estudos sobre o judaísmo. O indiscutível “Rei dos Judeus”, no presente, é Edgar Bronfman (Presidente do Congresso Mundial Judaico), um homem de educação judaica limitada... cujos pensamentos e ensaios são comprados. Meshulam Riklis (israelense expatriado, proprietário da bilionária Rapid-American Corporation) pode expor sua esposa gentia (a atriz Pia Zadora) nua nas páginas da revista Penthouse e ainda ser considerado um líder e um membro honorável da comunidade judaica.²¹ Edgard Bronfman, o dito *Rei dos Judeus*, um importante megaproprietário, dono da *Seagram's*, de empresas na área do petróleo, química, petroquímica e comunicações, líder da *Liga de Anti-Difamação da B'nai B'rith*, apesar de aparentemente ignorado pela nossa grande imprensa não esconde seu particular interesse pelos assuntos brasileiros. Por isso, fez questão de receber tanto Collor de Mello quanto Cardoso, nos mesmos dias em que, presidentes eleitos do Brasil, viajaram aos Estados Unidos e foram recepcionados na Casa Branca pelos seus correspondentes americanos. Empresário e líder dos mais influentes, porém discretíssimo, de pouca visibilidade, por ocasião desses encontros presidenciais foi noticiado, superficialmente, apenas como um “empresário americano” ou, até mesmo, como um “desconhecido empresário”. Sua visibilidade aumentou, recentemente, ao determinar a bancos suíços que indenizassem herdeiros e descendentes de correntistas cujas contas tinham sido congeladas ao tempo do regime nazista. Mas, como nem só de pão vive o homem, também nas recônditas esferas de sua alma, da consciência, as conseqüências

¹⁹ DINES, Alberto, em “Fotos, datas, nuances”, no Jornal do Brasil de 03 de Novembro de 2001, pág. 08. O destaque é nosso. N.A.

²⁰ DINES, Alberto, em “O fim das bolhas”, no Jornal do Brasil de 06 de Outubro de 2002, pág. 08.

²¹ SACHAR, Howard M., in “A HISTORY of the JEWS in AMERICA, Vintage Books, Random House, New York, Nov. 1993, pag.868. A tradução é deste autor. N.A.

dessa abrupta inflexão na trajetória de nossa sociedade também se fizeram notar. O conforto gratuito do confessionário católico, com o refrigério dos sofrimentos e das culpas pelas transgressões aos mandamentos da lei de Deus, ante a absolvição dos pecados, foram modernamente substituídos pelos alívios custosos do processo psicanalítico freudiano, pela assunção de um estilo de vida contemporâneo, ditado pela moda, pelas fórmulas farmacêuticas de drogarias e laboratórios ou, fugazmente, nos subterrâneos do vício e das drogas pesadas, que calam mentes inquietas, silenciam vocações inquiridoras. O progresso científico e tecnológico impulsiona e sustenta o vertiginoso surto do domínio humano sobre a terra, conferindo conforto material e físico aos que podem adquiri-lo. Liberdade total e irrestrita é o novo *slogan*, o *Santo Gral* ansiosamente buscado pela humanidade. A *Nova Era* de Joaquim de Flora, *modernismo* do ano de 1200, se materializa, em nossos dias, na *New Age* da contracultura, desde o dístico de *paz e amor ao sexo, drogas e rock & roll* de Woodstock e adjacências; dos Beatles, como John Lennon, autor celebrado de *Imagine*, o hino secreto da globalização; da bruxaria e do seu culto social incentivado: as festas de Halloween e dos novos heróis infantis, como o personagem Harry Potter; da literatura mística, campeoníssima em vendagem, aos duendes, cristais mágicos e pirâmides; do ocultismo e do curandeirismo em geral. **A Ação Operacional:** Paralelamente à intensa ação filosófica, o eixo de poder liberal/materialista emergente se organiza de forma harmônica e aguda, a partir do final da segunda grande guerra. Um grupo de fulgurantes inteligências, comungando das mesmas idéias liberalizantes, reúne-se na estação de Mont-Pélérin, na Suíça, sob a liderança de Friedrich Hayeck. Compreendia, entre outros, Milton Friedman, Karl Popper, Ludwig Von Mises, Walter Lipman. Hayeck escrevera, em 1944, “O Caminho da Servidão”, uma agressiva e apaixonada obra contra o estado intervencionista e do bem-estar (*welfare state*), então surgente na Europa e nos Estados Unidos. Seu alvo principal eram *todas e quaisquer limitações impostas ao mercado por parte do Estado-Nacional*, o que ele considerava como mortal ameaça às liberdades política e econômica. Afirmara Hayeck, às vésperas das eleições inglesas de 1945, vencidas pelo Partido Trabalhista que, “Apesar de suas boas intenções, a social-democracia moderada inglesa conduziria o país ao mesmo desastre que o nazismo alemão: uma servidão moderna. Polarizados por essas idéias, na reunião de Mont-Pélérin estiveram reunidos os mais ferrenhos oposicionistas à ação estatal, tanto do *welfare state* europeu quanto do *new deal* americano. O objetivo principal desse grupo era *combater o conceito de solidariedade judaico-cristã* e o *keynesianismo*, mentores do *intervencionismo econômico*. Com isso, estariam preparando o mundo para um novo tipo de capitalismo radical, inflexível, livre de quaisquer regras ou limitações, sob a argumentação de que o novo igualitarismo da época, promovido pelos princípios do solidarismo espiritual, destruía a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência, energia motriz da prosperidade universal. Segundo eles, a *desigualdade* entre os homens e as sociedades era um valor extremamente *positivo*. Essas idéias foram defendidas, no plano teórico, e operacionalizadas nos bastidores dos fechados círculos políticos e econômicos, por mais de vinte anos consecutivos. A introdução de seus discretos e eficientes defensores nos partidos que os levariam, mais adiante, ao poder, foi feita sem alarde. Muitos desses políticos, inclusive, se expunham em vitrines de outros matizes doutrinários, dando completa guinada em suas idéias e mostrando sua face ultraliberal somente quando o caminho, pavimentado em silêncio, já emergia consolidado. Isso veio a ocorrer mais às claras com a grande crise do modelo econômico do pós-guerra, em 1973, quando o mundo capitalista entrou em longa e profunda recessão, conhecendo o fenômeno das baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação (*estagflação*). As raízes dessa crise, segundo Hayeck e seu grupo de Mont Pélérin, estavam no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e do sucesso alcançado pelo movimento operário, corroendo as bases da acumulação capitalista com suas malfadadas pressões salariais sobre o empresariado e a *pressão parasitária* para que os Estados aumentassem os gastos sociais.

Esses processos, segundo eles, teriam destruído os *níveis ideais de lucros das empresas e desencadeado os processos inflacionários* que desaguaram na crise das economias de mercado. O remédio para essa disfunção era simples: um Estado forte apenas para quebrar a espinha dorsal dos sindicatos e controlar o dinheiro, porém parcimonioso nos gastos sociais e afastado das intervenções econômicas. A estabilidade da economia deveria ser a meta suprema de todo e qualquer governo, o que poderia ser alcançado com disciplina orçamentária, restrição drástica de gastos sociais e *desemprego em massa* para criar um *exército de reserva* que dobrasse a força dos sindicatos. Essas decisões alimentam, até os nossos dias, dolorosos processos de *reforma do estado* que reduzem benefícios a trabalhadores civis e militares, sindicalizados ou não, a aposentados e pensionistas, alcançando, inclusive, os fundos de pensão e a legislação trabalhista, tudo em nome de mais empregos, mais educação, mais saúde, e de um suposto *equilíbrio orçamentário* que jamais sacrificaria os pagamentos de juros a emprestadores, tudo um mero eufemismo para *restauração dos níveis de lucros e redução do estado*. Outras medidas complementares seriam as *reduções de impostos* sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas e ganhos de capital financeiro. Assim, seria recriada uma *nova e saudável desigualdade* que reataria o ciclo da economia estagnada. Estavam lançadas as sementes de uma *nova receita* econômico-financeira globalizada. Este programa ultraliberal foi aplicado na Inglaterra de Margareth Thatcher em 1979; nos Estados Unidos, em 1980, por Ronald Reagan (*o reaganomics*); por Kohl, na Alemanha, em 1982, derrotando o programa social-liberal de Helmut Schmidt. Em 1983, a Dinamarca, exemplo perfeito do *welfare state* passa a ser governada por uma coalizão de direita. Seguem-se quase todos os países do Norte da Europa, à exceção de Áustria e Suécia. A luta contra o comunismo, a servidão humana mais completa para Hayeck, fortalece o poder de atração do neoliberalismo que emerge triunfante nos anos 80. Já ao sul do continente europeu, de formação cristã, chegavam ao poder, pela primeira vez na história, governos de esquerda, denominados euro-socialistas: Mitterrand (França); Filipe Gonzalez (Espanha); Mário Soares (Portugal); Bettino Craxi (Itália) e George Papandreu (Grécia). Esses governos tentaram criar, ao sul da Europa, um regime equivalente à social-democracia do pós-guerra, no norte, mas fracassaram, dando a guinada definitiva à direita nos meados da década de 80. No outro lado do planeta, Austrália e Nova Zelândia, o modelo foi aplicado de forma radical, sendo este último o exemplo extremo do capitalismo selvagem, tendo todo o seu sistema de bem-estar completamente destruído. Naquela parte do mundo, somente o Japão resistia aos encantos da *nova receita*. Não obstante, a primeiríssima experiência neoliberal completa e sistemática foi realizada no Chile de Augusto Pinochet, 10 anos antes de Margareth Thatcher. Sua concepção teórica, entretanto, não foi a mesma do austríaco Hayeck e sim a da escola norte-americana de Chicago, por Milton Friedman, também um dos proeminentes patriarcas de Mont-Pélerin. Apesar do relativo sucesso do modelo chileno, esses luminares compreenderam que ele só funcionaria na ambiência de um regime político autoritário, como o de Pinochet, incompatível com a *cruzada democrática*, em vias de ser deflagrada, e do pretendido esvaziamento do poderio militar em todo o planeta.²² No Brasil, coincidentemente, ações assemelhadas foram ou estão sendo levadas a cabo pelas administrações Collor, Franco e Cardoso, estando o último em vias de cumprir promessa de discurso de posse, a de *acabar com a era Vargas*, ou, talvez melhor traduzindo, com as CLT: Consolidação das Leis Trabalhistas; dando fim ao monopólio estatal do petróleo e, numa finalíssima etapa, privatizando a Petrobrás. Nos bastidores do pré-nascimento da vaga liberal, a ação de eficácia foi empreendida, localmente, pelas organizações transnacionais, verdadeiros *braços-armados* dos novos centros de poder. No plano macroscópico, organizações multilaterais, de existência física ou apenas nominal, como as que se seguem,

²² ANDERSON, Perry. in “Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático” pág. 9 a 17. Organização de Emir Sader. Paz e Terra.

exerceram os esforços de obter a *compreensão* dos governos aos quais se apontou o receituário neoliberal: o Royal Institute of International Affairs (RIIA), o Council on Foreign Relations (CFR) e sua rede capilar mundial, o Grupo de Bilderberger, a organização Trilateral (EUA; Europa e Japão); o Diálogo Interamericano; o Grupo dos Sete (EUA, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Canadá, o Consenso de Washington (conjunto de decisões tomadas a partir de Nov 89 em Washington, EUA, após reuniões entre funcionários americanos e representantes do FMI, BID e BIRD, contendo as diretrizes da *nova receita* capitalista, *mandatória para todos os países*. Foram propostas pelos americanos, entre outras, sanções de caráter comercial aos países em desenvolvimento, visando obrigá-los às normas financeiras ali estabelecidas e a impedi-los de desenvolver as chamadas tecnologias sensíveis: nuclear, espacial e informática). Num mundo desse quilate, diz a propaganda, não há mais espaço para o estado total, pesado e ineficiente, onde velocidade, agilidade, produtividade e lucro são uma imperiosa e irredutível necessidade. Falece, por essas razões, no princípio dos anos 90, o mais pesado de todos os Estados, o Comunista, quando a globalização já derrubara o símbolo maior de suas barreiras, o Muro de Berlim. Encerradas as exéquias, paira, solitário e vitorioso, o novo *estado liberal capitalista*, não mais tão democrático como se anunciava. Pouco a pouco, as tenazes se apertam e começa a emergir o mais novo dos regimes totalitários: a *mercadoocracia* ou o *fundamentalismo de mercado*...

O “PARTIDO DO MEDO” E OS FUNDAMENTALISMOS RELIGIOSOS.

“I Love My Country, but I Fear My Government”.

(Eu amo o meu país, mas temo o meu governo).

Adesivo de pára-choques, vendido por membros de milícia no estado de Missouri, Estados Unidos.

“It is not anger we feel, it is fear, fear of the federal government”.

(O que nós sentimos não é raiva, é medo, medo do governo federal).

Declaração do comandante da “Tropa da Milícia de Michigan” à televisão americana.

“Primavera de 1995. O *partido do medo* reaparece em nova roupagem. Trajando uniformes de camuflagem, ornados com escudos e medalhas, portando fuzis de assalto e outros armamentos, os membros das milícias que se haviam organizado por todo o país, em meses anteriores, insistiam em afirmar que eram os verdadeiros defensores da América, os primeiros grupos a reconhecer e a reagir à ameaça representada pelo governo federal, ao pôr em perigo sua liberdade. Pequenos comerciantes, incluindo proprietários de lojas de armas, modestos fazendeiros, industriários, desempregados e profissionais de todos os tipos, *inclusive militares da reserva, veteranos de guerra*, eles se consideravam cidadãos comuns. Quando perguntados sobre o que temiam do governo, as respostas, além de constantes referências ao controle de armas, perdiam objetividade, variando desde impostos altos à excessiva regulamentação ambiental que ameaçava seus “direitos de propriedade”. Menções a violações constitucionais ou restrições aos direitos individuais, dos estados e municípios sugerem que, por trás, poderia haver *algo mais complexo*, pois as respostas vagas parecem desproporcionais às ações já tomadas. De que forma reclamações tão tênues a respeito de políticas governamentais contemporâneas poderiam justificar a criação de exércitos privados”? A resposta não parece tão difícil assim: estaria havendo um descompasso, cada vez mais acentuado, entre as políticas praticadas pelo governo federal,

com a participação ativa das forças armadas, em busca de determinados objetivos supostamente nacionais, e os anseios e expectativas da sociedade americana ou, melhor dizendo, de boa parte dela, justificando, até mesmo, que viesse a pegar em armas para defender suas idéias. Quais seriam, então, esses pontos de tão temível discordância? “Como sempre fizeram extremistas da direita política, através da história americana, eles se proclamam patriotas, bravos o bastante para confrontar um *inimigo sinistro*, uma *conspiração de poder* que poderia destruir a nação. A grande novidade, desta vez, é que o inimigo não é uma religião alienígena, como foi durante tanto tempo o catolicismo, nem estrangeiros, como irlandeses e italianos católicos de tão forte presença migratória no passado, ou uma ideologia internacionalista, como o temível comunismo, que possam *tomar o governo*. *Desta vez o inimigo é o próprio governo!!!*”²³ Parece óbvio que, para essas pessoas, a nação já esteja comprometida e, portanto, “tomada” por alguma coisa alheia aos mais puros interesses nacionais americanos. E quais seriam esses interesses contrariados? Por que eles não vêm à tona para que seja feito um debate franco e aberto entre toda a sociedade? Newton Carlos antecipava-se à discussão desses fatos ao escrever, em 1995, que, na América de hoje, ...”o mais dedicado esforço para o esclarecimento das possibilidades revolucionárias junto ao grande público está sendo feito através de verdadeiras “cruzadas” empreendidas por organizações religiosas de confissão cristã, como a “Christian Coalition”, que recebem de importantes setores da mídia o tratamento jocoso de fundamentalistas cristãos ou de “Komeinis americanos”²⁴. Alguns grupos dessa coalizão, que, em síntese, defende a volta aos ensinamentos básicos da Bíblia, têm fornecido farta munição aos opositores, como faz, por exemplo, a “Coalition for Revival”, defendendo o puro regresso aos costumes do Século XVII, quando “mandava a Teologia do Reino e as colônias americanas eram governadas pela Bíblia”. Nem tudo, entretanto, está sendo colocado no embornal do descrédito. ...”Jornais do porte do New York Times e Washington Post tratam seriamente de livros como “A Nova Ordem Mundial”, escrito pelo reverendo Pat Robertson, filho de senador, estrela da Christian Coalition, um dos componentes nobres da direita religiosa, onde estão evangelistas, pentecostais, batistas e muitos outros. Robertson tem ficha respeitável. Andou na corrida presidencial de 1988, concluindo que, primeiro, era preciso mobilizar tropas e depois pensar na tomada do poder. É o que tem feito, desde então, a partir da TV a cabo Family Channel, na qual acusações freqüentes a Clinton, envolvendo sexo, se misturam, sabiamente, com entretenimento de boa audiência. O livro de Robertson garante que as Revoluções Francesa e Russa e o Banco Central dos Estados Unidos saíram de sinistra conspiração de maçons, ocultistas europeus e banqueiros suíços. O tamanho do alcance dessas pregações pode ser medido pelos números da “National Religion Broadcasters”. São 1600 rádios, o dobro de 10 anos atrás, e 274 canais de televisão, contra 90 em 1984. Os ativistas devem somar um milhão. Mas vinte milhões, de acordo com o New York Times, se identificam com as mensagens, contra “ateus que governam o país...Num país onde votam pouco mais de 50 por cento do eleitorado, essa tropa de choque, em cima das urnas com chuva ou sol, só tem avançado ultimamente. Tanto que a direita religiosa assumiu o controle interno do partido Republicano em estados importantes como Texas, Minnesota, Oregon, Iowa e Washington. Participou da redação dos programas dos candidatos a governadores da Califórnia e Flórida e se mostra com peso em mais partes do sul, agora sob domínio republicano, como na Virgínia, Carolina do Sul e Louisiana. Muitos milhares já saíram às ruas da Califórnia a Nova York, de uma costa a outra, para protestar contra “desmandos morais, sociais e políticos” e pedir nova

²³ BENNET, David H. in “THE PARTY OF FEAR”-The American Far Right from Nativism to the Militia Movement. Vintage Books, Random House, Inc. The University of North Carolina Press, second edition, October, 1995, págs. xi e xii.

²⁴ Estaria esse tratamento, apenas decorrida meia dúzia de anos, sendo ajustado para “Osamas” americanos ??? (N.A.).

Constituição, "em nome de Deus..." O ex-presidente da Câmara dos deputados, o republicano Newt Gingrich, assumiu o posto prometendo emendar a constituição, reintroduzindo orações diárias nas escolas. Não conseguiu. Há 38 anos a Corte Suprema julgou essa prática inconstitucional, porque Estado e Igreja são separados. Clinton e sua mulher Hillary, acusados de "gay-loving" e "feiticeira-feminista", entre outras pérolas, são os alvos principais. Também há o chamado terrorismo anti-aborto... "Se para salvar um milhão de bebês inocentes a cada ano for preciso matar cem médicos, tudo bem, diz a "Prolife Action League", autora do livro "99 Ways to Stop Abortion" (99 Maneiras de Deter o Aborto). Os "soldados de Cristo" se tornam, isoladamente, a mais efetiva organização política dos Estados Unidos, com o controle de TVs, rádios, conselhos de colégios e parcelas significativas do partido Republicano. A ordem é "refazer a América como a Terra de Deus"²⁵. Já um pouco mais remotamente, o padre Charles E. Coughlin, o famoso "sacerdote do rádio", que conseguiu arregimentar parte de sua vasta audiência para a "União Nacional pela Justiça Social", apontava para os plutocratas do Ocidente como um "moderno bando de exploradores", homens que são "os governantes do mundo, dominando e explorando a vida social desta nação", principalmente "advogados de Wall Street... eruditos de Harvard e Yale... e banqueiros ambiciosos". Mais tarde, os arquivilões de Coughlin passaram a ser os judeus e os comunistas e seus discursos, de 1938 a 1941, estão repletos de frases semelhantes àquelas empregadas pelos líderes de grupos anti-estrangeiros e neo-nazistas dos anos noventa.²⁶ Pelo visto, as recentes eleições americanas que confrontaram o democrata Al Gore e o republicano George W. Bush, expondo tantas fragilidades no sistema eleitoral daquele país e inesperadas disputas judiciais entre ambas as facções políticas, representaram algo muito mais importante do que uma simples e burocrática escolha entre as faces de uma mesma moeda, como jocosamente se dizia. Pelo menos, é o que se pode inferir, sob a ótica aguerrida dos deterministas cristãos. Aliás, ante essa inesperada guerra nos tribunais pelo desfecho das eleições americanas, que ascendeu ao arbítrio da mais elevada instância judicial do Estado da Flórida e, posteriormente, à Suprema Corte Federal, convém lembrar reflexão de Michael Novak, a de haver a constituição dos Estados Unidos sido redigida por simples pecadores. E, tendo esse importante trabalho sido feito na presunção de que o ser humano seria, sempre e irremediavelmente, um pecador, pressupunha também, na sua essência, que os homens não mereceriam confiança integral. Por isso, os seus redatores teriam, em verdade, "amarrado" o texto de modo a torná-lo propositadamente ambíguo. Este foi o modo pelo qual "os pais da pátria" teriam organizado o governo daquele país, de forma a que este não pudesse contrariar os interesses do povo e que nenhum grupo, isoladamente, alcançasse controlar o país em detrimento dos demais. Foi um plano ousado e engenhoso que, entretanto, pode ter ficado comprometido pela existência de uma Corte Suprema sem peias nem amarras. É o que imaginam já haver acontecido as famílias cristãs, maioria nos Estados Unidos, cujos filhos estão legalmente impedidos, pela Suprema Corte, de receber instrução religiosa nas escolas públicas. Thomas Jefferson, igualmente, lançara sérias dúvidas a esse respeito, ainda nos primórdios da formação do estado americano democrático, em carta a um adversário político: "Em matéria de interpretação de assuntos constitucionais, você me parece passar a impressão de que julga ser a Suprema Corte o árbitro definitivo". Ainda segundo Jefferson, esse sentimento lhe parecia constituir-se em "perigosíssima doutrina, que poderia conduzir os Estados Unidos ao despotismo de uma oligarquia..." "Infelizmente, é precisamente isto o que vem acontecendo nos últimos trinta anos. Nós transferimos o poder do povo para um corpo não eleito, de apenas oito homens e uma mulher, cinco dos quais podem, efetivamente, controlar as regras da moral e o destino social da nação. E, junto com a Suprema Corte, *nós colocamos no poder*

²⁵ NEWTON CARLOS, em "Komeinis Americanos", publicado no Jornal do Brasil, R.J., em 26 de janeiro de 1995.

²⁶ BENNET David H., op. cit. pág. Xiv.

outra oligarquia não eleita, na forma do *Federal Reserve Board*. Este não foi, seguramente, o sistema que os autores da nossa constituição pretenderam para este país. O sistema de pesos e contrapesos que eles vislumbraram incluía um judiciário poderoso, uma poderosa casa legislativa e um poder executivo forte, todos equilibrados, em contrapartida, pelos poderosos direitos dos cidadãos livres”.^{27 28}. Como vimos anteriormente, o núcleo da coalizão financeira e comercial, formada por acumulação milenar, muitas vezes subterrânea, desejou sempre um local seguro para sediar suas operações, livre de patrulhamentos religiosos ou militares. Após inúmeras tentativas infrutíferas, esse sindicato, camuflado sob a *razão social* de “Companhia das Índias Ocidentais”, grande multinacional com bandeira holandesa, pretendeu implantar-se no Novo Mundo, escolhendo inicialmente a cidade do Recife. Fracassou por motivos religiosos, já que os patrocinadores da empreitada, muito tementes ao poderio dos católicos, valeram-se de mercenários de Holanda, calvinistas na maioria, alguns judeus, país onde se assentaram para escapar ao jugo da igreja católica. Repetindo os erros crassos do catolicismo na Idade Média, a guarnição comandada por Maurício de Nassau, por imposição da sede, tentou impor o credo protestante, à força, aos católicos pernambucanos, até então indiferentes ao invasor, profanando-lhes as igrejas e agredindo sacerdotes. Essa tremenda afronta à fé despertou a nacionalidade brasileira, culminando na expulsão dos “hereges” a pau, pedras e bacamartes. Fugido, o braço armado da multinacional reabsteceu-se na Holanda e se dirigiu novamente ao Novo Mundo, estabelecendo-se mais ao norte, num local batizado de New Amsterdam, onde hoje é a ilha de Manhattan, Nova York, adquirida aos nativos por quinquilharias. A partir de então, os mercadores atentaram para não cometer os mesmos erros do Recife, cuidando, zelosamente, para que a colonização do grande país do norte fosse feita à distância considerável do catolicismo, por puritanos protestantes... Isso se reflete, ainda hoje, na exacerbada concepção dos nativistas revolucionários americanos, segundo a qual “...a organização interna da igreja católica é descrita como patentemente anti-americana”. Segundo dizem, “numa terra de liberdade absoluta, onde sempre imaginaram viver, que lugar poderia haver para um confessionário, onde os pensamentos mais secretos dos corações humanos, das cortes, dos gabinetes e das famílias podem ser devassados por padres? Que papel democrático poderia ser desempenhado por uma hierarquia de monges, freiras, bispos, que são, a despeito de tudo, espíões, vigias do déspota que habita o Vaticano (o Papa, N.A.), ele próprio uma vítima do despótico ”Colégio de Cardeais“? O caráter nacional distinto dos Estados Unidos faz o credo escravagista do catolicismo desnecessário aqui: A mente americana, ... diferente da europeia ou da sul-americana, destemida, inquisitiva, impaciente com as imposições, rejeita a religião que lida melhor com mentes de intelectos inferiores. Talvez os italianos, europeus lascivos, povos ignorantes e bárbaros, de outras terras mais pobres, possam abraçar tal fé”. Mas os nativistas nunca se cansam de lembrar aos seus que “...esta é uma nação anglo-saxã, e que os anglo-saxões nunca endossaram os dogmas da igreja”²⁹. Esses cuidados intensos com a formação religiosa foram frutíferos e as colônias, mais tarde inglesas, sempre protestantes, continuaram merecendo a atenção e o generoso financiamento dos comerciantes. Aos poucos, as provas desse apoio vão sendo reveladas, às vezes de forma surpreendente, como nos revela Joel Samberg. Conta-nos ele que...”um imigrante, judeu polonês de nome Haym Salomon, chegou a Nova Amsterdam em 1772. Um de seus primeiros empregos foi

²⁷ ROBERTSON, Pat in THE NEW WORLD ORDER, Dallas, Word Pub.1991, pag.59.

²⁸ NOTA DO AUTOR: Durante a administração Clinton, do partido democrata, a composição da Suprema Corte foi modificada, devido a aposentadorias, ganhando a presença de dois novos membros, um dos quais uma mulher, a saber: STEVEN BREYER e RUTH BADER. Com isso, aquela corte máxima passou a ser composta por sete homens e duas mulheres. Além dos já citados, os demais membros WILLIAM REHNQUIST (atual presidente), ANTONY KENNEDY, DAVID SOUTER, SANDRA DAY O’CONNOR, JOHN PAUL STEVENS, ANTONIN SCALIA e CLARENCE THOMAS foram todos indicados para o cargo por presidentes republicanos.

²⁹ BENNET, David op. cit. pag.86.

alimentar os prisioneiros de guerra americanos. Rapidamente ele aprendeu, na própria carne, o que era a tirania inglesa pois foi logo preso, como espião, durante a ocupação britânica da cidade. Então, ele rumou para a Filadélfia, onde fundou uma firma de corretagem e conseguiu levantar a imensa fortuna de aproximadamente duzentos mil dólares³⁰ para o esforço revolucionário. Salomon não foi o único judeu a financiar o esforço de guerra da independência, mas, certamente, o que mais vigorosamente o promoveu, tornando-o um empreendimento lucrativo e promocional, através da venda de apólices de guerra. Ele pode, inclusive, ter sido o primeiro financista-empresário da América, consultor e publicitário, tudo ao mesmo tempo. E, embora não tenha passado à história como um dos “Pais da Pátria” foi, em parte, devido aos esforços daquele judeu americano pioneiro e aos de muitos outros, desde então, que nós agora vivemos na maior e mais livre nação do planeta ...” Samberg sugere, ainda, que se observe de perto uma nota de um dólar americano, onde será possível ver, logo acima da cabeça da águia careca, treze estrelas que, no seu conjunto, formam uma *Estrela de David*. Segundo a tradição, elas significariam as treze colônias americanas originais mas, de acordo com respeitáveis historiadores, essa estrela maior representa um gesto de gratidão a Haym Solomon pelo patrocínio do esforço revolucionário.³¹ Muito embora o autor citado se refira apenas à imagem da águia, cabe lembrar que ela aparece nas notas de um dólar como parte do próprio Selo Nacional dos Estados Unidos, o que aumenta, significativamente, o peso da suposta homenagem. Acrescente-se a esse episódio o interessante fato, narrado por Howard Sachar,³² de que “o imaginário da antiga Israel esteve muito presente durante o Congresso Continental, em 1777, uma vez que Benjamin Franklin, ao discutir os símbolos que deveriam constar do Grande Selo Nacional Confederado, sugeriu a figura heróica de Moisés erguendo seu cajado para dividir o Mar Vermelho...” “Uma outra razão para a rápida integração dos judeus na cena americana foi a natureza judaica do espírito Puritano na Nova Inglaterra (*New England*). Os Puritanos viam-se como herdeiros espirituais do Antigo Testamento, considerando o Novo Testamento, apenas, como a história de Cristo. Era no Velho Testamento que eles buscavam a Deus, razão pela qual, na Inglaterra, os puritanos eram vistos como “companheiros de viagem dos judeus”. Eles comparavam sua viagem para a América com a fuga dos judeus do Egito e viam a Colônia da Baía de Massachussets como uma “Nova Jerusalém”. Quando a Universidade de Harvard foi fundada, o Hebraico era ensinado junto com o Latim e o Grego.³³ Na verdade, houve até mesmo uma proposta para que o Hebraico fosse adotado como língua oficial das Treze Colônias e o líder espiritual puritano John Cotton quis impor o código Mosaico como base para formular as leis de Massachussets.³⁴ Junto com o espírito puritano vieram muitos preceitos do Código Mosaico que foram incorporados à constituição americana” **Os Fundamentalismos Islâmico, Católico e Judeu:** Com a submissão formal dos militares à lei, fica claro que a fé tem representado o mais sério entrave às pretensões ocidentais de integrar ao resto do mundo todas as regiões onde vivem populações religiosas, especialmente as muçulmanas. A importância desses povos muçulmanos na antiguidade, em sua grande maioria semitas, cuja antiga vocação foi o comércio, decaiu com as disposições do Alcorão, disseminadas pelo profeta Maomé, e os seus rígidos preceitos contra atividades remuneradas e

³⁰ Dinheiro da época, que talvez tenha alcançado a impressionante cifra de trezentos mil dólares, como defendem outros historiadores N.A.

³¹ SAMBERG, Joel in “The Jewish Book Of Lists”. A Citadel Press Book, published by Carol Publishing Group, Secaucus, New Jersey, 1998, págs. 04, 08 e 09.

³² SACHAR, Howard M. op. Cit. Pág. 35.

³³ DIMONT, Max I. in “Jews, God and History, Penguin Group, New York, April, 1964, pág. 368.

³⁴ COTTON, John, influente líder puritano, pároco e professor da “Primeira Igreja de Boston” (1633-52), Colônia da Baía de Massachussets. Cotton, como teólogo e professor, foi a pessoa mais influente na organização do poder na Colônia, definindo o padrão de atuação da Igreja e ajudando a definir os rumos do convívio entre a fé e a política. N. A.

a cobrança de juros, esta definitivamente proibida. Conquanto no catolicismo existissem as mesmas restrições, neste as proibições foram teologicamente contornadas com a solução do Purgatório, onde seriam expiados pecados veniais ou as grandes transgressões cometidas pelos penitentes arrependidos, cuja conversão ou absolvição tenha sido concedida antes de sua morte. Isso permitiu que católicos prosperassem, mesmo que moderadamente, e se integrassem à *confederação internacional dos mercadores*. O mesmo ocorreu com o próprio estado Vaticano, megaproprietário de bens móveis e imóveis, em todo o mundo, e de lucrativas participações em prósperos empreendimentos comerciais, financeiros e bancários. Essas ações materiais, de cunho meramente terreno, são conduzidas por uma organização altamente especializada, o *IOR-Istituto di Opere Religiose* (Instituto de Obras Religiosas), também conhecido nas altas esferas do *business* pela denominação, politicamente imprópria, portanto não recomendável, de *Banco do Vaticano*...³⁵ Muita gente pode haver estranhado quando o prudente Papa João Paulo II, um dos maiores líderes espirituais e gênio político do século XX, proclamou ao mundo o direito do governo americano em retaliar o terrorismo. Em coro, o também sereno e cauteloso Dom Eugênio Salles, ex-Arcebispo do Rio de Janeiro (ainda cardeal atuante, com escritório na Igreja de Nossa Senhora da Paz, no praiano bairro de Ipanema, Rio de Janeiro), gozando de grande prestígio junto ao Papa e aos fiéis de sua antiga paróquia e de todo o Brasil, batizou a agressão terrorista de 11 de setembro como um *atentado a toda a humanidade*, exatamente como queria e vem defendendo a Casa Branca, o que só fez aumentar a perplexidade geral. Outro movimento pouco compreendido de Sua Eminência foi uma rápida viagem à Nova York, onde, em missa rezada na Catedral de Saint Patrick, procurou *levar conforto às famílias de brasileiros atingidos pela catástrofe*. Muita cera pra pouco defunto, pois até hoje não se sabe, ao certo, quantos perdemos. Graças a Deus, parece que muito poucos. O fato é que a Igreja romana, multinacional com 2000 anos de estrada, cuida, admiravelmente bem, do seu rebanho. Sabendo que nos Estados Unidos os católicos, em flagrante minoria, foram sempre hostilizados pelos cristãos protestantes, desde os primórdios da formação do estado, quando, nas escolas primárias, as crianças americanas eram apresentadas ao catolicismo como “*aquela prostituta romana*”³⁶ e outras blasfêmias, nada como engrossar fileiras por uma boa causa, alinhando-se, desde a primeira hora, às vítimas e não aos agressores... Além dos católicos americanos, a igreja mostra visível preocupação, também, com os irlandeses, vítimas de crescente hostilidade de protestantes da Irlanda do Norte, monarquistas e unionistas. A possibilidade de que se confirme um acordo duradouro de paz, com a deposição de armas pelo IRA (*Irish Republican Army*), braço guerreiro do catolicismo irlandês, que, curiosamente, deseja a república para se livrar da obrigatoriedade da religião oficial do império britânico (anglicanismo), é planta tenra e frágil que deve ser preservada. Por isso, também torna justificável uma certa corte, agradados discretos a Tony Blair. Mas, segundo Boff, “o catolicismo também possui seu tipo de fundamentalismo. Ele vem sob o nome de Restauração e Integrismo. Procura-se restaurar a antiga ordem, fundada no casamento do poder político com o poder clerical... O inimigo a combater é a modernidade, com suas liberdades e seu processo de secularização... Não há nenhuma religião mais guerreira que a tradição dos *filhos de Abraão*: judeus, cristãos e muçulmanos. Cada qual vive da tradição tribalista de ser o povo escolhido e portador exclusivo da revelação do Deus único e verdadeiro. O fundamentalismo, como atitude e tendência, se encontra em setores de todas as religiões e caminhos espirituais. Hoje em dia, o fundamentalismo judeu se centra na construção do Estado de Israel segundo o tamanho que lhe atribui a Bíblia hebraica. O fundamentalismo islâmico quer fazer do Alcorão a única forma de vida, de moral, de política e de organização do Estado entre os islâmicos e em todo

³⁵ THOMAS, Gordon e MORGAN-WITTS, Max, em “Nos bastidores do Vaticano”, Record, 1983.

YALLOP, David em “Em Nome de Deus”, Record, 1984.

³⁶ BENNET, David, op. cit. pág. 20.

o mundo. Todos os que se opõem a essa visão de mundo são obstáculos à instauração “da cidade de Deus” e conseqüentemente são infieis e merecem ser perseguidos e eventualmente eliminados...”³⁷ Alguma diferença entre esses e o novíssimo “*fundamentalismo de mercado*”?... A liberdade e a excelência da organização administrativa e financeira cristã não prosperaram, de forma semelhante, no Islã. Ao contrário, sua extrema rigidez fez com que o processo de acumulação capitalista entre muçulmanos fosse tremendamente reduzido, concentrando altos índices de pobreza, visto que a iniciativa privada raramente se dispõe a injetar recursos, em qualquer economia, para investimento a fundo perdido. Em algumas situações, entretanto, a mesma criatividade exercitada por católicos foi encontrada pelos muçulmanos, viabilizando operações comerciais que envolvam facilidades creditícias, através do aumento de preços nos serviços ou mercadorias com pagamentos diferidos, correspondente ao que seria devido em juros. Reza o axioma clássico que em estado pobre, povo paupérrimo. Todavia, enquanto a região se mantinha quase na penúria, muito cresceu a sua importância geoestratégica pela abundância de petróleo, o mais importante insumo para a expansão da economia ocidental. O mercado cuidou para que essas fontes fossem preservadas. Ações políticas e militares sempre predominaram na busca desse objetivo. Os primeiros esforços foram dirigidos para a cooptação de “dirigentes amigos” que garantissem o fluxo regular do óleo a preços convenientemente baixos. Para reduzir os custos de produção e fornecimento, os investimentos sociais nunca constaram dos orçamentos das concessionárias ocidentais, conhecidas como as *Sete Irmãs*. Deveriam ficar a cargo dos sheiks do petróleo. Com uma estrutura tribal, a sorte popular esteve sempre ligada à generosidade pessoal do monarca reinante. Pode ter sido um grande erro ocidental. Sem outra alternativa a que se apegar, a religião ganhou terreno entre os muçulmanos, radicalizando-se. Nesses casos, exemplificados por Catar, Kuwait, Emirados Árabes, Paquistão, Arábia Saudita, Egito, Irã e Iraque, em que o governo é ou foi sempre exercido imperialmente por “famílias cordiais” ou, alternativamente, por governos militares do tipo que “sempre respeitaram os compromissos internacionais efetivamente assumidos por seu povo”, nunca houve uma sincera preocupação com a chamada democracia participativa. Jamais se ouviu qualquer referência ou recomendação, na imprensa ocidental, à expressão “eleições livres” nesses países, uma vez que seus regimes, apesar de autocráticos em relação ao público interno, respondem docemente aos mínimos desejos das potências ocidentais, sempre colocados sobre as mesas de negociação à sombra de ameaças de calibre atômico... Essa política do *dá ou desce*, decorada em purpurinas e lantejoulas, é, por assim dizer, uma espécie de “versão oriental do novo monopsônio”³⁸, ou do *totalitarismo de mercado*. Mesmo agora, quando o Afeganistão acaba de ser literalmente pulverizado, não se fala em “eleições gerais”. Por que? Fica mais fácil entender quando se percebe que o maior partido político da região é o fundamentalismo religioso. Por isso, seja no Afeganistão ou nos Estados Unidos, quaisquer indivíduos que desejem restaurar princípios sociais, políticos ou econômicos com base em fundamentos teológicos são imediatamente rotulados de fanáticos, dementes... Disputar eleições só quando o resultado for garantido, reza a prudente bíblia do mercado. Para desmontar esse “partido fundamentalista” a estratégia foi introduzir na região, aos poucos, os costumes ocidentais, como ocorreu no Irã da dinastia Reza Pahlevi. O xá, acusado pelo povo de entregar-se ao ocidente, começou a sofrer sérios problemas de erosão política pela oposição ferrenha que lhe fizeram os líderes religiosos. O desgaste tornou-o insustentável no posto. Com a queda de Pahlevi, vista como um grande retrocesso aos olhos ocidentais, ocorre a ascensão do aiatolá Khomeini, líder xiita antes

³⁷ BOFF, Leonardo em “Sobre crenças e intolerância”, Jornal do Brasil, 20 de outubro de 2001, pág. 40.

³⁸ MONOPSÔNIO: Situação de mercado em que há um só comprador para determinada mercadoria ou serviço. Na hipótese particular aventada, o comprador único seria o “Mercado”, tratado aí como entidade global, autônoma e unificada. Com interesses aglutinados e consolidados, poderia, portanto, impor unilateralmente condições totais de compra, inclusive políticas e militares. N.A.

exilado em Paris pelo regime pró-ocidental de Pahlevi. O Iraque de Sadam Hussein, ditadura militar aparentemente fora do alcance dos aiatolás, foi envolvido numa guerra de desgate com o Irã, criativa solução arquitetada por Washington para tentar defenestrar o novo poder religioso, ali solidamente instalado. Estabilidade, através de regimes laicos absolutamente leais, passou a ser a palavra de ordem na região. Nada deveria, nem poderia, quebrar a disciplina e por em risco as fontes de suprimento. Do outro lado, além da revolta contra a ocidentalização, simbolizada pela presença do *grande satã* em solo sagrado, outro importante foco de insatisfação e resistências foi a presença comunista no Afeganistão e sua influência sobre a enorme população muçulmana no território da antiga URSS. Como se sabe, o ateísmo marxista foi responsável pela derrocada de várias teocracias em todo o mundo, substituindo-as por regimes agnósticos, onde foi facilitada a introdução da contracultura, dos conceitos da *New Age* e de outras práticas ligadas ao paganismo. Para combater essa dupla influência, que julgavam altamente negativa, deletéria, muçulmanos resolveram formar um exército de religiosos combatentes, os *mujahedin*, e empreender uma luta sagrada (*jihad*) contra os invasores. A primeira *jihad* foi desfechada contra Anwar Sadat, do Egito, conhecido como o faraó (infel), financiado por Washington e acusado de haver promovido a paz com Israel, inimigo mortal, por pressão do governo Carter. Sadat foi assassinado pelos religiosos, em frente às tropas que lhe asseguravam o poder, num complô aparentemente organizado por Omar Ahmad. A partir dali os Estados Unidos, acusados de tornarem o Egito um estado laico, autoritário em relação aos religiosos, tornam-se um inimigo e um alvo declarado. O governo militar que se seguiu ao de Sadat, comandado por Hosni Mubarak, continuou a pressionar os religiosos. Uma ajuda militar anual dos Estados Unidos, de dois bilhões de dólares (1,3 bilhão para reequipamento militar e 700 milhões de dólares para combater a pobreza), define o tipo do incentivo ao regime, assim como a natureza de sua destinação. Segundo a doutrina Brzezinski, mentor intelectual do trilateralismo, chegara a hora da Rússia ter o seu Vietnã, isto é, de sofrer uma guerra de desgaste que lhe consumisse recursos materiais, humanos e lhe acelerasse a derrocada. Nos bastidores, os Estados Unidos passaram a conceder ajuda logística, financeira e militar aos *mujahedin*. Em 1986, a CIA chega ao Afeganistão para lutar ao lado deles, trazendo os poderosos mísseis *Stinger* que obrigaram soviéticos a um recuo estratégico. Segundo Brzezinski (eminência parda do Council On Foreign Relations – CFR, dos Bilderberger e da Comissão Trilateral, guru de Jimmy Carter na presidência dos Estados Unidos, de quem fora chefe no CFR), autor intelectual da estratégia, isso representou o “início do fim” do regime comunista. Ainda segundo Brzezinsky, a retirada soviética foi o sinal verde para os movimentos de libertação da Hungria, Romênia, Polônia e Alemanha Oriental que se seguiram, com o apoio de Washington, Londres e Paris. Após a vitória afegã, os EEUU cometeram o gravíssimo erro de se retirarem do país, sem prestar qualquer assistência ou cuidar do futuro dos *mujahedin*. Representando dois terços da força viva afegã, esses antigos aliados dos americanos, treinados, armados e remunerados por eles, viraram simples refugiados, combatentes sem pátria. Alguns conseguiram refúgio nos Estados Unidos, outros se abrigaram na Xexênia e na Palestina ou se converteram em soldados mercenários e terroristas. Os antigos núcleos de treinamento militar montados pelos americanos viraram centros de formação terrorista. Além dos americanos, um rico árabe saudita, nascido em Jedá, também decidiu apadrinhar e patrocinar a *jihad* afegã, sacrificando sua fortuna e sua vida pela causa e pelo credo muçulmanos. Apesar da imagem comprometedoras que nos lega, virou uma lenda viva entre seus iguais, uma espécie de Che Guevara do mundo árabe. Nascia na guerra do Islã, contra o inimigo ateu, o mito de Osama Bin Laden. Osama e seus *mujahedin* encararam a invasão americana no golfo, em 1991, como uma guerra profana. A estratégia ocidental ficava cada vez mais clara a seus olhos. Quando combateu contra o regime dos aiatolás no Irã, Saddam Hussein era considerado um governante muçulmano aliado e recebeu apoio americano. Ao invadir o Kuwait, tinha a intenção de recuperar terras que,

historicamente, pertenceram ao Iraque e dele foram desmembradas pela geopolítica britânica, com todo seu imenso lençol petrolífero, constituindo-se num emirado amigo, governado por família de total submissão e confiança. Depois dessa invasão, Saddam começou a ser tratado pela imprensa ligada ao *business* como um ditador sanguinário. Seu ato foi considerado uma afronta ao mundo ocidental e exigiu uma coligação de países trilateralistas para expulsar o ditador. A coalisão jamais permitiria que um único estado, o Iraque, acumulasse tanto óleo em seus limites territoriais. Numa região de sensível instabilidade política e religiosa, reza a mínima prudência, *não se deitam todos os ovos num mesmo cesto*. Para os que não compreendem as razões pelas quais o ditador sanguinário está no posto, até hoje, apesar do imenso poderio militar disponível para arrasá-lo e ao próprio Iraque, convém lembrar o perigo de vir o país a cair, após sua destituição, em mãos de líderes religiosos... Seria, na tragédia de erros da política ocidental na região, mais um rotundo fracasso. A Casa Al Saud, que governa a Arábia Saudita com o beneplácito do *establishment*, também temendo uma invasão de Sadam, pediu ajuda ao mundo ocidental. Foi atendido prontamente e a Arábia Saudita recebeu, de braços abertos, todas as forças anti-islâmicas enviadas para defender seu território e um imenso lençol petrolífero. O Japão, maior dependente do óleo assegurado pela operação militar no golfo, desta vez arcou sozinho com uma salgada conta de alguns bilhões de dólares. Os mercadores, desde a mais remota antiguidade, garantem a entrega do que vendem, desde que o preço justo seja pago... E, como ficou bem claro, em circunstâncias extremas as despesas de segurança devem ser pagas *por fora*... Para os *mujahedin*, antigos pensionistas americanos na luta contra a antiga União Soviética, grande traição foi a presença profana dos inimigos do Islã em solo sagrado muçulmano, especialmente em Meca e Medina, na Arábia Saudita, cidades onde viveu e pontificou o profeta Maomé. A presença de Israel, aliado dos Estados Unidos, em Jerusalém e em outras regiões, também consideradas sagradas, ajudaram a agravar tensões. De aliados e provedores transitórios na luta contra o antigo adversário ateu, que desejou exterminar Alá, os americanos se tornaram o inimigo mortal a ser destruído, tamanha a ofensa cometida contra o Islã e seus seguidores, nessa perspectiva. Osama protestou veementemente contra a presença estrangeira em solo sagrado saudita. Em troca, em 1994, perdeu a cidadania. Virou pária e se tornou um combatente extremado contra *as forças do mal*, tentando a criação de uma “*Federação Islâmica*”, uma república religiosa, étnica e política que unisse todos os muçulmanos. Tal sonho foi sua perdição. Virou alvo vivo. A antiga base (*Al Qaeda*, em árabe) dos *mujahedin*, situada no caminho da cidade de Peshawar, onde foram treinados e abrigados de vinte a trinta mil homens para combater os soviéticos, voltou a ser ativada para treinamento dos homens de Bin Laden, passando a dar nome a sua organização. A luz vermelha acendeu para o *business* mundial, indicando uma crise energética iminente, perigo real e imediato à sua sobrevivência. Clinton, mais *maneiro*, apressou-se em dar o devido tom de seriedade ao assunto, lançando a advertência de que o *status quo* seria defendido a qualquer preço. “Não faremos diferenças entre civis e os que usam uniformes. Todos serão alvos”. Já o *caubói* Bush, filho, ultrapassando o terreno das ameaças, foi lá e, pretextando o atentado de 11 de Setembro e os que lhe antecederam, resolveu de vez a questão despejando toneladas de bombas em tudo e em todos... Osama havia se refugiado em Kartum, no Sudão, depois que forças islâmicas tomaram o poder, e lá fundou sua organização para lutar contra os Estados Unidos. Angariou apoios no Egito, na Somália, na Etiópia, no Afeganistão e em Uganda. Começava a ação. Ao tentarem desembarcar na Somália, a pretexto de levarem ajuda humanitária ao país, americanos tiveram um helicóptero derrubado pelos somalis treinados por Bin Laden. Ele insinuou estar havendo, na verdade, uma invasão do país, que deveria ser combatida à bala. Dezoito americanos morreram nessa queda. Embaixadas americanas sofreram atentados no Quênia e na Tanzânia. Nos Estados Unidos, explode uma bomba no World Trade Center, com seis mortes. Segundo a CIA, que criou uma força-tarefa para investigar o atentado, túneis e pontes estariam na mira

dos terroristas e onze aviões, em todo o mundo, também seriam alvos de suas ações. Um piloto muçulmano, preso nas Filipinas, teria declarado sua intenção de seqüestrar um avião americano e fazê-lo explodir contra a sede da CIA em Langley, na Virgínia. Esse fato seria a prova, dita irrefutável pelo governo americano e trancada a sete chaves, de que a organização de Bin Laden viria a ser responsável, mais adiante, pelo ataque de 11 de Setembro. O que o governo americano nunca revelou, nem admitiu, é que *sabia da existência* de mais de 5000 *mujahedim* treinados e enviados para mais de cinquenta países, *inclusive os Estados Unidos*, onde se radicaram, especialmente, na *Califórnia*, em *New Jersey*, em *Oklahoma*, *Michigan* e *Montana*. Nesses locais, precisamente alguns *onde vivem e atuam alguns dos mais ativos grupamentos das “milícias cristãs”, do “partido do medo” e outros fundamentalistas*, os novos vizinhos *mujahedim*, antigos aliados de Washington na luta contra os soviéticos, agora desprezados, largados à própria sorte, foram instalados e, ao que parece, recebidos de braços abertos. Como sabemos, naqueles locais era mais intensa a reação ao que esses grupos denominavam de “perda da identidade nacional” pela suposta intromissão do que chamam de “forças estranhas à vontade do povo”. Na verdade, foi precisamente nessas cidades que a chamada “reação” havia começado a se organizar sob a forma de milícias armadas, as quais passaram a se opor ao governo central, negando-lhe legitimidade pela submissa rendição aos barões do mercado, e ao FBI, seu braço armado interno. Como inimigo externo, visualizavam a ONU, organismo internacionalista, capaz, na sua visão patrioticamente extremada e radical, de se sobrepôr à soberania orgulhosa, assumida desde a guerra da independência. Algumas importantes escaramuças foram feitas, quase sempre omitidas, ou apenas levadas ao conhecimento público quando absolutamente inevitável, apresentadas como mera “sublevação de fanáticos religiosos” ou a ação de um único louco terrorista como, por exemplo, Tim McVeigh, o demolidor de Oklahoma, militar da reserva, herói condecorado da guerra do golfo.³⁹ Há teorias, pouco divulgadas ou assinadas, é óbvio, sussurradas de ouvido a ouvido, de que a presença dos *mujahedim* junto às milícias teria sido resultante de uma *brilhante* estratégia de inteligência: a de que os antigos aliados muçulmanos operando, domesticamente, por “serviços secretos prestados”, ficassem *de olho* em seus coleguinhas americanos, visando neutralizá-los, se e quando necessário. Tudo no mais absoluto silêncio e discrição... Ao que parece, infelizmente, o tiro teria saído pela culatra... Começava aí, no seu *backyard*, isto é, no próprio quintal, com uma insensata e inacreditável vizinhança entre terroristas muçulmanos, alguns fiéis discípulos de Bin Laden, e guerrilheiros nativos, inimigos fígados de Washington e da ONU, o maior de todos os pesadelos jamais vividos pelos norte-americanos!!! **O atentado de Oklahoma e os singulares e misteriosos casos do “saci-pererê” americano e da “genitália irlandesa sem dono”**: Na manhã em que uma bomba foi detonada na cidade de Oklahoma, em 1995, a primeira impressão de todos era a de que a canalização de gás havia explodido. O suposto acidente ocorria exatamente dois anos decorridos de um outro episódio extremamente desagradável. Naquele mesmo dia de 1973, o FBI, munido de equipamento pesado, incluindo tanques, havia causado a chamada tragédia de Waco, no Texas, onde um grupo dito religioso, incluindo mulheres e crianças, em suposta sedição, encontrou a morte num pavoroso incêndio provocado por armamento de grosso calibre. Investigações subseqüentes causaram embaraços para o governo central uma vez que revelaram não só o fato de haverem os federais atacado primeiro, como o tal grupo parecia ter motivações políticas preponderando sobre quaisquer outras. O terrível revide não se faria esperar. Naquela mesma manhã, agentes do FBI já se deslocavam pelas redondezas à procura de uma picape Chevy marrom e de *dois homens* aparentando serem naturais do oriente médio, *tipos árabes*, vistos correndo em frente ao edifício Alfred Murray, sede do FBI, minutos antes da explosão. Antes do meio-dia, David McCurdy, ex-deputado por Oklahoma e ex-chefe do

³⁹ Dados colhidos em série especial produzida pela CBS, reproduzida no Brasil pelo GNT, e em edições do programa “Sixty Minutes”.N.A.

Comitê de Inteligência do Congresso Americano, anunciou que *a bomba era trabalho de terroristas do oriente médio*. Fazia todo o sentido. As semelhanças com os artefatos colocados na garagem do World Trade Center, inclusive o uso de uma picape do tipo Ryder truck, não podiam ser ignoradas e Oklahoma City possuía, como visto antes, uma grande população de muçulmanos fundamentalistas. Entre eles, alguns ex-membros da Guarda Republicana do Iraque, feitos prisioneiros na guerra do Golfo e que haviam se recusado a voltar para casa.⁴⁰ Outros, *mujahedim*, veteranos da luta no Afeganistão, também haviam conseguido asilo nos Estados Unidos. Dias depois, o chamado “suspeito número um” foi apresentado ao público. Era um jovem alto, com o cabelo cortado a busca-ré, olhos claros, queixo quadrado, expressão impassível, porte militar. Um exemplar tipicamente americano, em nada lembrando um homem árabe. Por alguns momentos só se ouviram os ruídos das câmeras de TV e dos obturadores das máquinas fotográficas. Ele usava um macacão laranja de prisioneiro, aparentemente sem colete à prova de balas. Estava algemado pelas mãos e pés. Ainda seria possível vê-lo da mesma forma, centenas de vezes, nas telas de TV, em jornais e revistas. Afinal, *essa* era a imagem que o governo queria que fosse assimilada pelo público. Ele foi identificado como Timothy James McVeigh, mas, todos os que haviam testemunhado outra tragédia, ocorrida em Dallas em 23 de Novembro de 1963, quando John Kennedy foi assassinado, viram por trás dele o fantasma de Lee Harvey Oswald.⁴¹ Segundo Stephen Jones, advogado-chefe dos defensores de McVeigh, seu cliente e o promotor-chefe Joe Harzler, cujo maior desejo, expressado publicamente, era mandar McVeigh para o inferno, tinham algo em comum além de admirável tenacidade: ambos queriam, *desesperadamente*, que Tim McVeigh fosse declarado o único responsável pelo atentado! Ainda segundo ele, seu cliente lhe assegurara que ...”*se ninguém mais for preso ou condenado, então a revolução vai poder continuar*”. Ele estava convencido de que dentro de cinquenta anos seria visto como um herói nacional, da mesma forma que o são todos os que viveram e morreram pela independência dos Estados Unidos na guerra revolucionária. Tim sabia, e declamava, de cor, a “Declaração da Independência”. Ele acreditava, com toda honestidade, que um dia ganharia uma estátua em Washington Mall, entre o Capitólio e o monumento a George Washington. Ele se descrevia não como um mártir, mas sim como um herói... Jones relata haver recebido uma importante pista de um policial do estado: uma perna esquerda havia sido encontrada entre os escombros do Edifício Alfred Murray e, surpreendentemente, ela não fazia par com qualquer das vítimas socorridas. Nessas circunstâncias, diz ele, nada podia fazer a respeito da história, fosse ela verdadeira ou não. A não ser, talvez, deixá-la vazar para a imprensa. A informação foi passada para o The Dallas Morning News, que só conseguiu obter negativas em suas pesquisas, e depois para o Time. O Time, mais persistente, conseguiu, finalmente, atingir o alvo. Quando passou, dias depois, por Kansas City, Jones encontrou um batalhão de repórteres a sua espera. Eles queriam saber o que a defesa de McVeigh pensava a respeito da perna extra, uma vez que o escritório estadual de exames médicos havia liberado um informativo confirmando a sua existência. Dizia o comunicado que a perna provavelmente pertencera a um homem branco (com 75% de certeza) que calçava bota de combate, na qual viera preso um retalho de blusa, do tipo militar. Dias após, uma reunião entre oficiais do FBI e de outras repartições, com médicos do mesmo escritório estadual de perícias, e que durou o dia todo, debateu de que modo essas autoridades deveriam lidar com as informações já liberadas. Quarenta e oito horas decorridas, novo comunicado foi emitido pela mesma fonte, seguido de debates com a imprensa, afirmando que, devido a um erro anterior de identificação, a perna, na verdade, não seria de um homem branco, mas de uma mulher negra!!! O doutor Clyde Snow, de Oklahoma, um dos maiores antropólogos do mundo,

⁴⁰ Ibidem, mesmas fontes e datas, confirmadas pelo livro de Stephen Jones adiante referenciado.N.A.

⁴¹ Conforme o relato de Stephen JONES, advogado, ex chefe do conselho de defesa de McVeigh, e de Peter ISRAEL, no livro “OTHERS UNKNOWN”, Publicaffairs, Perseus Books, New York, 2001.

compareceu diante de representantes da imprensa e fez um rápido pronunciamento, assumindo a responsabilidade pelo “erro de identificação”. Nada mais disse ou respondeu e, dando as costas aos jornalistas, saiu da sala, entrando em longas férias... Perplexo, como todos, Jones resolveu procurar um dos médicos da repartição estadual, o Dr. Fred Jordan, experientíssimo patologista forense, muitas vezes perito convidado a atuar em júris populares. -Isso é o que eu sei sobre a perna, disse ele a Jones: Nós temos oito pessoas com perdas traumáticas dos membros inferiores esquerdos e dispomos de nove pernas esquerdas. Jones perguntou-lhe que possibilidades poderiam existir de duas pernas direitas terem sido enterradas com uma das vítimas. -Zero, respondeu ele. -“Há uma clara diferença anatômica entre elas e mesmo um estudante da primeira série do curso de patologia saberia fazer essa distinção. Não obstante, dissera ele, havia na repartição o sentimento de que a perna extra poderia pertencer a Lakesha Levy, que estava no escritório da Segurança Social, situado no mesmo edifício, quando ele explodiu”. A jovem patologista encarregada do laudo, Emily Craig, havia periciado a perna e dito que ela poderia pertencer tanto a um homem baixo quanto a uma mulher de estatura elevada. E, que, por determinadas características, essa pessoa seria negra. Lakesha era soldado de primeira classe da força aérea, uma mulher negra, de estatura elevada. A ficha médica de Levy indicava que ela fora enterrada com ambas as pernas, sendo que a esquerda *estaria pendurada* por alguns poucos tecidos. Jordan solicitou e obteve a exumação do cadáver, para esclarecer definitivamente o caso. Aberto o caixão, o corpo de Levy, de fato, apresentava ambas as pernas, mas *a esquerda não estava presa ao corpo*, como afirmava o laudo constante de sua ficha médica. O laudo estava definitivamente errado e a perna misteriosa pertencia, sem dúvidas, a Lakesha Levy, conforme provou o exame de DNA. Para o governo o caso fora resolvido e o assunto encerrado, não cabendo mais a ele retornar. Para a defesa de Tim McVeigh, entretanto, persistia uma dúvida crucial: *a quem pertencia, então, a perna esquerda enterrada com o corpo de Levy, encontrada em seu caixão exumado???* Jones não encontrou resposta a essa pergunta, nem meios ou boa vontade para respondê-la. Passou a carregar as fotos das vítimas da explosão, dos escombros do prédio abatido e da nova perna misteriosa, nos périplos que empreendeu pelo mundo em busca de opiniões dos maiores peritos em atentados a bomba, em explosivos e em patologia forense. Essa peregrinação levou-o, inicialmente, a Cardiff, no País de Gales, onde expôs ao Dr. Bernard Knight a teoria do governo sobre a explosão da bomba e de como ela teria sido transportada na picafe marrom, assentada no colo de Tim McVeigh. Jones tinha consigo, também, o laudo da Dra. Craig sobre a perna misteriosa. Knight mostrou-se cético quanto ao laudo de Craig, mas seu ceticismo foi ainda maior quanto à teoria do governo americano. Mostrou a Jones a foto de um homem cujo corpo estava partido ao meio e lhe disse: “Sei que as estradas nos Estados Unidos são melhores que as nossas, mas serão tão melhores assim???” Mais de cem membros do IRA, disse ele, explodiram carregando bombas no colo, como o homem da fotografia, uma “mula” do IRA, isto é, alguém recrutado para levar o explosivo. Ele estava carregando *a bomba de nitrato de amônio*, igual à de Oklahoma, no colo, quando o carro sacolejou e ela explodiu. Sessenta por cento das bombas detonadas prematuramente eram de nitrato de amônio, as favoritas do IRA, até que seus membros passaram a obter *plastique* da Tchecoslováquia. No caso das bombas de nitrato de amônio as vítimas geralmente não têm o corpo dilacerado, mas morrem por ferimentos traumáticos resultantes dos desabamentos. Para Knight, o dono da perna misteriosa, destroçada, teria que estar no centro da explosão e, pela sua experiência, concluía ser ele *o próprio terrorista*. Na sua expressão, o terrorista teria marcado um “gol contra”, como se diz em Cardiff, cidade onde o futebol é muito popular. Em Londres, Jones teve um encontro com um oficial do exército inglês, ligado ao MI 5, o serviço secreto interno, especializado nas operações de terrorismo do

IRA. Segundo esse agente, cujo nome não foi revelado, ele teria dito a Jones: “...Eu não estou afirmando que o seus clientes ⁴² não cometeram o atentado. Estou apenas dizendo que *nunca* ninguém conseguiu fazer desse jeito. Desde que nós mantemos registros desses casos, a partir de 1968, não existe nenhum atentado com tantos mortos e feridos, como o de Oklahoma, que tenha sido obra de *apenas* dois homens. Se fosse tão fácil assim, teríamos bombas explodindo em Londres a toda hora... *O terrorismo requer infra-estrutura, materiais, financiamentos, locais seguros, um plano de fuga, observadores, engenheiros e liderança.* Se apenas seus clientes são culpados, e somente eles, será preciso, então, responder: o que é que só Tim McVeigh e Terry Nichols sabem, que o Exército de Libertação da Palestina, o Comando Geral para a Libertação da Palestina, o Setembro Negro, o IRA e todas as outras organizações terroristas do mundo, que usam bombas de nitrato de amônio, desconhecem? Se os seus clientes são os culpados, então espero que eles possam conversar conosco, antes de serem executados, para descobrirmos como foi que fizeram isso”. Visitando o Dr. T. K. Marshall, na Inglaterra, Jones ouviu dele o seguinte parecer, depois de examinadas as fotos apresentadas. - “Você deve saber que esta perna não pertence a uma vítima. *Ela é a perna do terrorista.* Apesar de casos como o de Oklahoma serem uma raridade na América, aqui na Inglaterra isso acontece a toda hora. Esse negócio de vítima inocente não reclamada não existe, a menos que haja uma razão muito importante para um corpo não ser procurado. Em qualquer caso envolvendo um desastre de avião, uma bomba, um assassinato em massa, inexistem casos de vítimas inocentes não procuradas. Em todos esses anos na Irlanda, nós identificamos *todas as pessoas inocentes mortas.* Nunca existiu uma *vítima* desconhecida “. Ele declarou, finalmente, que o local onde a perna misteriosa foi encontrada era, provavelmente, o centro da explosão. Mas, o que mais impressionou Jones foi a história da genitália sem dono, relatada por Marshall: “...Após uma explosão provocada pelo IRA, os pára-médicos recuperaram os corpos de todas as vítimas. Todos os homens mortos possuíam pênis. Mas, um único falo encontrado não tinha um corpo correspondente. Marshall e seus colegas chegaram à conclusão, inevitável, de que o pênis era do homem que carregava a bomba, explodida prematura e acidentalmente. A bomba, certamente, repousara sobre alguma coisa no colo do terrorista: uma prancha ou uma chapa muito grossa. Foi ela que protegeu tudo de substancial que sobrara da *mula* irlandesa...”

O MERCADO CONTRA DEUS OU DEUS CONTRA O MERCADO???

DEUS tem mais pra dar que o diabo pra levar.

Crendice popular.

O atentado a Nova York, de 11 de setembro, mostrou que algo muito grave estava sendo escondido do povo americano. O *inner core*, a verdadeira inteligência da mídia internacional, (compreendendo especialistas, jornalistas influentes, centros de debates, universidades, sociedades fechadas, as grandes redes e agências de notícias), tão logo recuperados do fantástico transe inicial, parecem não haver hesitado em *conduzir*, mais uma

⁴² Nesse ponto, o FBI também acusara um segundo suspeito, Terry Nichols, também “americano da gema”, de participação no atentado. Nichols foi condenado à prisão perpétua após um acordo feito com a promotoria, em que negou a existência e a participação de outros conspiradores. N.A.

vez, a opinião pública em direção aos interesses dos centros de poder que sujeitam o planeta à sua feição. A versão oficial da *verdade* tem sido caprichosamente esculpida por mãos competentes para escandalizar, indignar e granjear o apoio irrestrito do público chocado e perplexo, cuidando para que o impensável ato de torpe agressão venha a ser decodificado não como o que efetivamente foi, mas, exatamente, como lhes convém que seja. Mas, nem só a imprensa tem culpas a purgar. Afinal, à falta de meios para apurar fatos, restam apenas as verdades oficiais dos *press releases* governamentais. Os governos da "coalizão antiterrorista", eufemismo para a *central de defesa do mercado*, cumpre à risca o seu papel de depurar o livre trânsito de informações e de cercear o trabalho independente da mídia, restringindo liberdades democráticas. Segundo a organização "Repórteres Sem Fronteiras" (RSF), o Ministério da Defesa da França proibiu uma empresa privada de serviços de imagens, obtidas por satélite particular, de vender fotos do Afeganistão a particulares, ficando as mesmas disponíveis apenas para uso do exército. Segundo aquela organização, o governo francês teria seguido a linha adotada pelos Estados Unidos, de restringir as atividades da firma comercial *Spot Image*, cujos satélites podem captar objetos e formas no chão, com dez metros ou mais de tamanho, apenas para controlar o modo como o mundo vê os resultados da ação militar no Afeganistão. Robert Menard, secretário-geral da RSF, escreveu a Alain Richard, ministro da Defesa, para que suspenda essa proibição, sob argumento de que a "repressão militar contra imagens de satélites civis priva a mídia de sua função de controle". O supostamente democrático governo americano tem usado todas as armas como instrumento de censura, inclusive a mais poderosa de todas, característica do capitalismo liberal: os contratos de exclusividade. Alegando não somente a restrição das informações sobre operações no Afeganistão como necessidade na "guerra ao terrorismo", os norte-americanos partiram para a compra da documentação particular disponível no mercado. Através da Agência Nacional de Imagens, adquiriram por dois milhões de dólares à firma *Space Imaging*, de Denver-Colorado, exclusividade de direitos sobre todas as imagens de satélites comerciais. A parte da mídia que atua como sustentáculo da *confederação dos mercadores* na conquista da simpatia popular, começa a registrar os primeiros ataques diretos de ocultos adversários, numa espécie de tétrica advertência: uma carta enviada à rede de TV NBC, no fim de setembro, continha a bactéria do antraz, contaminando jornalistas. O editor nacional do jornal Boston Globe, Kenneth Cooper, foi submetido a exames laboratoriais após manusear carta contendo ameaças a judeus e à Torre da Sears, a mais alta da cidade de Chicago, Illinois. O Secretário de Saúde e Serviços norte-americano, Tommy Thompson, admitiu ao programa Fox News Sunday que "Enviar cartas com antraz é um ato de terrorismo", mas que "elas não seriam, necessariamente, obra de Bin Laden, podendo ser uma fonte doméstica, um ressentido. Reconheceu, ainda, que as pessoas estão apavoradas porque nunca houvera antes um ataque bioterrorista no país. Já o Secretário de Defesa, John Ashcroft, no programa *Face the Nation*, na CBS, disse acreditar que "terroristas que contribuíram para os atentados de setembro provavelmente *ainda permanecem em território americano*". Notícias liberadas recentemente revelam a forte possibilidade de que as bactérias contidas em cartas podem ter sido cultivadas em laboratórios militares americanos, o que sugeriria uma provável ligação desses atentados com atividades terroristas domésticas...A presença de cidadãos americanos nos exércitos talibãs complica a situação e expõe, ainda mais, esse gravíssimo problema intestino. O governo federal, cuja tendência totalitária já era por nós apreciada nestas mesmas páginas ⁴³, investe com menos democracia, aumentando seus poderes policiais em detrimento de garantias constitucionais do cidadão, suscitando o medo de uma nova era de macarthismo e engrossando o coro dos descontentes. A nova legislação remove barreiras judiciais à escuta telefônica, facilita a prisão por tempo indeterminado e a deportação de estrangeiros, liberando buscas secretas. De agora

⁴³ ABREU, Armino in DOSSIÊ: CONSPIRAÇÃO, Insight/INTELIGENCIA número 13, pág.116.

em diante, tudo pode acontecer na *terra dos homens livres*. Esses poderes abusivos, que já vinham sendo ensaiados antes, como vimos, “têm como *bodes expiatórios* os árabe-americanos, as pessoas do Oriente Médio, os afro-americanos islâmicos e todos que se pareçam com eles”.⁴⁴ Talvez, por isso, mais de 1200 pessoas não identificadas já tenham sido detidas para investigações, sem culpa formada, por períodos superiores ao permitido pela legislação comum. Mas a história parece continuar viva, seguindo rumos e desígnios próprios, a despeito de contrariar a vontade dos que pretendem escrevê-la apenas com as próprias tintas. A verdade, portanto, pode não ser bem aquela martelada, dia e noite, nas telas de TV, nas ondas do rádio ou nas páginas impressas. Para compreendê-la, é preciso, inicialmente, dissociar o *alvo* do *objetivo* desses ataques terroristas. O *alvo*, sem qualquer dúvida, foi a própria cidade de New York, em pleno território da maior potência bélica, política e econômica do planeta, duramente atingida, inclusive, com terríveis e lamentáveis perdas humanas. Já o *objetivo focal* da monumental agressão, certamente, não foi o de ceifar vidas entre o povo americano, nem de lhe causar mossas ao orgulho patriótico ou, até mesmo, o de lhe infligir pesados danos materiais. A mensagem sub-reptícia, insidiosa, contida nessa tremenda ofensa física parece ter sido, por tudo o que ficou aqui relatado e apreciado, tão somente a intenção de agredir, atingir o coração, ferir mortalmente, alertar, desmoralizar, destruir se possível, a gigantesca, ameaçadora instituição materialista, transnacional, que ali tem sua sede e quartel-general, abrigo, proteção, uma Cartago dos tempos modernos. E, segundo os membros do emergente *partido do medo*, nativista xenófobo e radicalmente religioso, operaria a partir dessa formidável matriz em solo americano, de cujo poderio e riquezas se vale como se sua própria fosse. Como gigantesca sanguessuga, sob a atraente cobertura de “interesses comerciais do povo americano”, utilizar-se-ia da monumental infraestrutura ali construída para, em nome dos mais caros valores da civilização ocidental, assumir o controle do planeta, corroendo e tornando letra morta, na prática, todas as abstrações democráticas e libertárias que o povo americano vem defendendo, patrioticamente, desde a guerra da sua independência. O multissecular princípio filosófico daquela sociedade, basilar, pétreo, tem sido paradigma para todo o mundo, fundamento escolhido pessoalmente por todos e cada um dos próprios “Pais da Pátria”: o de que a liberdade e a democracia deverão vicejar em ambiência onde a escolha dos rumos da nação e de seu governo sejam “*do povo, pelo povo, para o povo*”. Esse lema visceral da nacionalidade, na extremada opinião desses grupos radicais, teria sido subvertido, esmagado pela força supranacional, incontida, que emerge avassaladora. Tão perigosa e poderosíssima instituição, melíflua, difusa, fluida, tentacular, internacionalista, apátrida, se alimentaria e agigantaria, em moto contínuo, pela transfusão unilateral da prosperidade alheia em seu único benefício, subtraindo aos povos de todo o globo, *a começar pelo dos Estados Unidos*, o poder maior de todos, o único e original, moral, ético e constitucional: *o de gerir seus próprios desígnios*. Segundo os donos dessas vozes e das ações de rebeldia que empreendem, a civilização ocidental judaico-cristã estaria sendo compelida a prestar absoluta vassalagem ao algoz que corrói soberanias, esmaga fundamentos religiosos, destrói a justiça social e a fraternidade entre os homens, impondo-lhes um mundo moldado a capricho, absolutamente materialista, que os divide e separa entre duas espécies incompatíveis: a dos *consumidores* e a dos *despossuídos*. O **MERCADO**, assumindo as rédeas da História, que imaginava ver extinta, passa a ditar cartas em seu nome, confundindo-se com a própria essência da liberdade e da democracia universais. Tamanha, monumental, operação de *take-over* planetário, que pretendem definitiva, irreversível, irrevogável, recebe do marketing especializado o pomposo nome de *globalização*, muito mais palatável do que o de *governo mundial*, o que pretende ser na verdade. O nome **MERCADO**, marca de fantasia, mascara-lhe a verdadeira “razão social” de *estado ainda não declarado*, ao

⁴⁴ Segundo STROSSER, Nadine, presidente da “Associação Americana de Direitos Civis”.

qual todos os demais devem subordinar-se, curvar-se contritos, reverentes. Boaventura designa-o, nessa terrível perspectiva, como “uma nação pluriestatal”, de vez que “é constituída pelos que, de procedências culturais e étnicas diversas, cultuam o mesmo ídolo (Baal-Moloch) e integram as mesmas lutas, os mesmos objetivos e os mesmos valores ou desvalores, o que lhes dá o status de nação”⁴⁵. Reforçando o conceito, poderíamos acrescentar que esse *estado oculto* possui, a seu inteiro serviço, toda a infra-estrutura política, comercial e de guerra do povo dos Estados Unidos, país que ajudou a construir e onde se abrigou desde sempre e, ao que tudo indica, submetendo-o pelo controle dos postos-chaves.⁴⁶ Detém, inclusive, moeda própria, o dólar, que, como já se sabe, nada mais é do que uma moeda independente, *terceirizada* por Washington no governo Woodrow Wilson, através de competentes gestões comandadas pelo *Coronel* Edward Mandell House, e emitida por um cartel de bancos privados, conhecido por Federal Reserve System. O Governo Federal, confiando toda a sua política monetária americana, doméstica e internacional, a essa instituição bancária privada assegura, definitivamente, ao *Mercado* o status de *estado independente*. Por mais incrível que possa parecer, e é, os Estados Unidos foram o primeiro país do mundo a “*dolarizar*” sua economia, na exata acepção que conferimos hoje a essa expressão. Aos discordantes dessa moderna *Hidra de Lerna* que devora, esmaga, corrompe, humilha e submete, o novíssimo “*totalitarismo de mercado*” reserva o “*rolo compressor*” da unanimidade universal garantida pela presença ostensiva de integrantes dos “*grupos dos sete, dos oito, dos vinte, trilaterais e quantos mais, que formam, a seu exclusivo talante, organismos supranacionais privados com aparência de entidades oficiais, sem qualquer legitimidade jurídica ou o indispensável suporte eleitoral.* Foi a fórmula singela que encontraram para impor, sem qualquer reação ou contestação, a *moratória na democracia universal*, substituindo, através dessas verdadeiras “*ações entre amigos*”, as vozes daqueles que, oprimindo, afirmam representar: o povo. Para surpresa e frustração dos seus mentores, os próprios americanos, e com eles o mundo, entretanto, não aceitaram render-se a elas sem luta. Na visão de Dines, “...muitas bolhas estouraram ao mesmo tempo em 11 de Setembro: a do consumo foi a primeira. As pessoas imaginavam que ao comprar, possuir, guardar e colecionar conseguiriam ser imediatamente felizes. Todos entraram no clima da abundância e da exuberância (patrões e empregados, investidores e trabalhadores, conservadores e progressistas. Irmanaram-se no endeusamento do supérfluo), produzir é o que importava. A criação de novas necessidades passou a ser mais importante do que a satisfação das velhas e eternas exigências. A sacola de compras era o acessório de uma civilização. Agora perdeu o sentido, serve no máximo para carregar escombros...” Ainda segundo ele, “...quem está abatendo as imbatíveis forças do mercado e o capitalismo desenfreado não é a esquerda, tão desarvorada e atarantada quanto a direita, mas o homem comum que, afinal, permite-se o luxo de sofrer. E duvidar. Posso? Devo? Faz sentido? Para que serve? Perguntinhas simples e arrasadoras, engendradas pela mortandade do World Trade Center mas capazes de perfurar todas as bolhas e ilusões, balelas e convenções, hipocrisias e mistificações”.⁴⁷ Nessa esteira, a aviação morre à míngua de passageiros, assim como o turismo e as fábricas de aviões. Só a Boeing demitiu 15000 empregados, o que eleva a taxa de desemprego americana ao mais alto índice da sua história, pelo “efeito cascata” que provoca. Lojas esvaziaram-se e o grande esforço nacional é para vê-las se encherem de novo, “devolvendo ao povo a felicidade efêmera de comprar”. Cinemas, teatros, restaurantes, casas noturnas vivem às moscas, agravando a crise, multiplicando efeitos. E o atentado demonstrou, precisamente, que a

⁴⁵ Jorge BOAVENTURA de Souza e Silva, em “A Dolorosa Colheita”, na “Folha de S. Paulo”, em 24 de Outubro de 2001.

⁴⁶ Vide “O SOMBRA”, em INSIGHT/INTELIGENCIA número 10, deste autor.

⁴⁷ DINES, Alberto em “O fim das bolhas”, no Jornal do Brasil de 06 de Outubro de 2002, pág. 08.

preocupação maior de Bush, passada a perplexidade inicial e cumpridas as ações de pêsames requeridas pelas circunstâncias, foi socorrer, imediata, generosamente, a maior de todas as vítimas, segundo a visão que representa, aquela que realmente pesa e importa:...o *Mercado*. Caíram, definitivamente, com as torres e com o outrora todo poderoso deus-pagão, agora acuado, ajoelhado, de cócoras, os velhos mitos de que possa continuar a ser visto como o regulador supremo da humanidade, submetendo-a ao invés de servi-la, como nos queriam fazer crer para que aceitássemos, pacificamente, a sua dominação. A única e verdadeira “*lei inexorável do mercado*”, ficou sobejamente comprovado, é a de que ele se subordinará, sempre, em quaisquer circunstâncias, à vontade e capricho do dono: **o ser humano**, seja ele ou não um consumidor!!!. Luminares de Mont Pélérin estrebucham (sem trocadilho, por favor) ao ver a Casa Branca ressuscitar o keynesianismo doméstico, injetando bilhões de dólares do contribuinte para socorrer o tropeço... Não seria mais sensato redistribuir esse dinheiro entre os próprios contribuintes, com instruções específicas de gastá-lo, fazendo a festa? Certamente atingiria os objetivos tão ansiosamente buscados, sem suspeitas de favorecimentos indevidos...Newton Carlos, provocador, contar-nos que “... Já se fala nos “caronas da crise”, gente que usa o clima de comoção provocado pelos atentados terroristas para colocar em campo suas pulsões e promover interesses de grupos ou pessoas, corporações ou certas empresas. Cai afinal no melhor dos mundos a dupla que preparou decretos envolvendo o quanto de privacidade e direitos os cidadãos americanos reterão. Ou permitindo instituir tribunais militares para julgamentos secretos e sumários, com uma única autoridade acima deles, o comandante-chefe das forças armadas que é Bush, aos poucos deslizando para uma presidência imperial... As medidas de “estímulo à economia”, aprovadas pelos republicanos com maioria apertada na Câmara dos Deputados, botam nos cofres das grandes corporações e nos bolsos dos mais ricos a parte do leão de supressões fiscais de 212 bilhões de dólares nos próximos três anos, “monstruosa demonstração de cobiça”, disse Robert McIntyre, diretor do Cidadãos por Justiça Fiscal. Impensável, segundo ele, que uma emergência nacional pudesse dar nisso. Em sua coluna, no New York Times, Paul Krugman mostrou que de estímulo não existe nada, se trata de dar um bom dinheiro a certas empresas, e citou como grandes ganhadoras as de mineração e energia do Texas. As mesmas que ajudaram a colocar Bush e seu vice Cheney na Casa Branca. Elas já tinham sido premiadas com o plano de energia de Cheney. O pacote republicano foi saudado por Bush como “parte da luta contra o terror...”⁴⁸ Em demolidor impacto na opinião pública mundial, que julgava serem os Estados Unidos imunes à corrupção desenfreada que desconhece leis, direitos, respeito à propriedade privada e ao Bem Comum, fraqueza moral e ética normalmente associada a países terceiro-mundistas, a falência fraudulenta da Enron, sétima maior empresa norte-americana, cuja contabilidade foi deliberadamente falsificada por seus próprios dirigentes, mostra que as portas da degradação foram escancaradas, como a Caixa de Pandora, revelando toda a podre verdade do mundo contemporâneo. *Com a conivência dos próprios auditores independentes*, esse ato de ignóbil e vergonhosa pirataria financeira cometido pela finada Enron, envolvendo altos membros da administração Bush, filho, a quem ajudou a eleger, ludibriou e feriu de morte, *dentro do território americano*, além de todos os empregados da empresa, jogados ao desamparo, os milhares de cidadãos, investidores institucionais e fundos de pensão que haviam aplicado em suas ações na prestigiada “Meca do Mercado”, a *New York Stock & Exchange*. Esse fato impactante mostra o quanto deve pairar de desconfiança pública, não só entre os investidores e devedores em geral, mas especialmente entre países, como o Brasil, que possuem imensos débitos junto à banca e a outros organismos financeiros, quanto à lisura e a correção de suas dívidas externas. Apesar dessas percepções, que mudam atitudes e comportamentos, os americanos, extremamente

⁴⁸ CARLOS, Newton in “Desvios da Crise”, no Jornal do Brasil de 28 de Novembro de 2001, pág. 11.

patriotas, feridos, se retraem no seu dia a dia mas ainda continuam apoiando as ações militares, no Afeganistão ou em qualquer outra parte, pela frustração de terem se mostrado tão vulneráveis em sua própria casa. É natural que busquem vingança e a recomposição do orgulho nacional ferido. O problema é que aumenta entre eles, progressivamente, o número dos que vão percebendo mentiras, adquirindo consciência desses desmandos. Pouco a pouco, mais olhos vão-se abrindo e permanecendo bem abertos. Se membros das três grandes religiões monoteístas, cristianismo, islamismo e judaísmo, continuarem lutando de forma extremada pela restauração de princípios bíblicos ou corânicos na condução de suas comunidades, do mundo e dos Estados Unidos, como sempre fizeram, neste protestando e atuando “contra a presença de usurpadores e ateus” no governo, apesar dos desmentidos e da desinformação patrocinada pela Casa Branca, é possível, e até provável, que os atentados em solo americano continuem sendo perpetrados. Nesse caso, a perseguição exacerbada a outros países estrangeiros poderá não mais surtir o efeito desejado, com o governo perdendo o apoio da opinião pública e, desastre dos desastres, a batalha da comunicação. É imperioso ressaltar que a população percebe, cada vez mais e melhor, que entre seus *fanáticos* registram-se presenças respeitáveis, membros indistintos de todos os segmentos étnicos e religiosos da população, inclusive militares da reserva e heróis de guerra. Lá, como aqui ou em qualquer outra parte, os veteranos, ou *mais antigos* no jargão apropriado, costumam empenhar-se em missões nas quais os militares da ativa não podem, aberta ou regimentalmente, se envolver. A presença deles, em número crescente nas milícias, mostra que os militares americanos continuam propugnando por algumas das mais caras tradições de seus ancestrais, como uma América livre, independente e soberana, da forma que, ademais, sempre ensinaram ao restante do mundo, em páginas de bravura e heroísmo. Não esperem os analistas frenéticos, torcedores irrequietos do mercado, entusiastas dos bombardeios avassaladores em cabeças indefesas, que eles continuem, indefinidamente, se houver a percepção de que visam, primordialmente, a privilegiar negócios do que tradições e valores daquela cultura. Dificilmente, releva insistir, soldados de carreira aceitarão trocar o serviço à pátria por uma duvidosa carreira de *mercenários do business, da crueldade injustificável ou de quaisquer outros interesses espúrios...* O próprio exército de Israel, um dos mais preparados, disciplinados e eficientes do mundo, enfrenta a maior demonstração de rebeldia dos últimos tempos. Um grupo de cerca de 200 oficiais e praças combatentes assinou manifesto afirmando que se recusava a servir em posições na Cisjordânia e na Faixa de Gaza por estar Israel “dominando, expulsando e humilhando o povo palestino”. O tenente Ishai Sagi, um desses signatários, protesta haver recebido ordens para abrir fogo contra palestinos que pegavam pedras para atirar contra os soldados israelenses: “Não havia discriminação sobre se a vítima era uma criança, uma mulher ou um homem idoso. E não havia discriminação sobre onde balear a pessoa”. A história, se cuidadosamente apreciada, ensina que subestimá-la poderá ser razão de novos e surpreendentes acontecimentos... Afinal, como fica mais evidente, o *partido do medo*, como podem imaginar os menos informados, não se compõe só de negros ou trigueiros, nem se comunica apenas em exóticas línguas estrangeiras. Para imensa preocupação de Washington e da *Nação Mercado*, o **terror americano** tem fê mas porta armas e bombas, comunica-se em inglês nativo, e também, tem a pele branca, cabelos louros e olhos azuis...

Rio de Janeiro, Novembro de 2001

POST-SCRIPTUM:

Em que o autor agradece aos amigos, faz marketing pessoal e destila seus maus humores contra a oposição solitária e sectária.

“Pretensão e água benta, cada um toma o quanto agüenta.”

Ditado lusitano.

“Eu não vim para explicar, mas sim para confundir.”

Abelardo “Chacrinha” Barbosa, o “velho palhaço”, ou José Carlos de Assis ???

Gostaria de agradecer, por dever de reconhecimento, aos muitos leitores, civis e militares, que têm congestionado endereços eletrônicos ou feito telefones soarem muito mais do que o habitual. Referem-se, com simpatia, aos meus artigos “O SOMBRA” e “DOSSIÊ: CONSPIRAÇÃO” publicados, neste mesmo espaço, em edições pretéritas. Agradeço, também, à expressiva quantidade de pessoas que, mesmo sem manusear a revista, tomaram a iniciativa de ler, reproduzir e redistribuir cópias desses textos a muitos cidadãos comuns, e a outros nem tanto, a professores e alunos de colégios, faculdades, universidades públicas e privadas, a profissionais liberais, em empresas particulares e estatais, nos quartéis, em outras unidades, escolas e clubes militares das três forças, em tribunais, parlamentos, associações civis e entidades religiosas (e também a algumas sem religião alguma), a unidades e academias das polícias civis e militares de vários estados da federação, às quais tenho freqüentado *apenas* como conferencista. Também sou grato aos internautas pois, segundo soube, têm acessado o *site* da editora e difundido tais artigos, através da rede, em número surpreendentemente elevado. Fico feliz, igualmente, pelos agradáveis desdobramentos ocorridos em razão dessas publicações, tais como convites para palestras, reuniões abertas ou fechadas e participações em comitês e programas jornalísticos. Tomo a liberdade de mencionar tudo isso, neste adendo, por duas razões: a primeira, por faltar à revista impressa uma seção destinada à comunicação direta com o leitor, onde pelo menos algumas dessas manifestações e comentários pudessem ter sido espontaneamente registrados. A segunda, pelo fato incontestável de que, sendo este veículo um espaço aberto e pluralista, obrigou-se a publicar o único ensaio, conhecido e assinado, até hoje, em defesa dos “sem-sono” e em oposição a algumas das minhas teses, nunca, diga-se de passagem, aos gravíssimos fatos nelas denunciados. Essa atitude, embora ética e democrática, pareceu-me, entretanto, profundamente injusta, exatamente por deixar aqui registrada, para a posteridade, em arte, papel e tinta de primeiríssimas qualidades, apenas uma, a solitária, das vertentes de opinião dos leitores. Quanto ao conteúdo dessa matéria contestatória, meramente opinativa, patentemente frágil, prefiro dar de ombros e deixá-la passar em branco. Os contundentes fatos mundiais e seus recentes desdobramentos, se apreciados à luz dos artigos que assinei, inclusive deste, tornam-nos mais eloqüentes do que qualquer réplica. Os leitores, e somente eles, farão o devido julgamento, melhor do que ninguém. Com a possível compreensão de todos, desculpa-se e despede-se,

O autor.

EM TEMPO:

Este artigo foi elaborado por insistentes pedidos de meus amigos e então editores, da Insight-Engenharia de Marketing, para publicação no número de Dezembro de

2001 da revista INTELIGENCIA, e seus originais lhes foram entregues, em tempo hábil, no dia 20/11/2001. Muito embora eu tivesse antevisto e mencionado a eles, por diversas vezes, as dificuldades que este meu novo texto poderia vir a causar aos seus negócios, por fortemente denunciador dos segredos e manobras escusas do mercado e de seu projeto mundialista (após a publicação do “DOSSIÊ: CONSPIRAÇÃO”, alguns de seus parceiros institucionais, todos bancos estrangeiros, haviam começado a retirar seus patrocínios à revista), sempre tive deles a corajosa resposta de que o artigo seria levado ao prelo. Não foi. Afinal, tudo tem um sensato limite, como nos ensina Charles Freund, editorialista do Washington Post, ao afirmar:...” *Ah! Se acontecer de conseguires descobrir um fiapo da verdade até podes tentar alertar as pessoas, demolir, pela exposição, as bases dos que tramam nos bastidores. Mas, mesmo nesse caso, não terás muito mais a fazer. Eles são **poderosos demais, invulneráveis demais, invisíveis demais, espertos demais.** Da mesma forma que aconteceu com outros, antes de ti, também vais perder.*” ... Por isso, apesar de compreender as razões de meus velhos e queridos amigos da Insight, pois ainda possuem uma magnífica empresa que precisa ser preservada, repleta de profissionais brilhantes, competentes, honrados e estimados chefes de família que necessitam trabalhar e sustentar seus entes queridos, lamento repetir-lhes o que já devem saber: **Vocês também perderam!**

Eu, por minha parte, continuarei lutando, mesmo sozinho, até quando **DEUS** quiser...

Rio, Fevereiro de 2002.